

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE –
MESTRADO E DOUTORADO**

CARLA FANTIN

**SISTEMA DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE PARA O TURISMO: UMA
ABORDAGEM DO ARTESANATO DE ANTÔNIO PRADO – RS**

**CAXIAS DO SUL
2018**

CARLA FANTIN

**SISTEMA DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE PARA O TURISMO: UMA
ABORDAGEM DO ARTESANATO DE ANTÔNIO PRADO – RS**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.
Linha de pesquisa: Turismo, organizações e sustentabilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Marlei Salete Mecca.

**CAXIAS DO SUL
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

F216s Fantin, Carla

Sistema de indicadores de sustentabilidade para o turismo : uma abordagem do artesanato de Antônio Prado - RS / Carla Fantin. – 2018.
95 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2018.

Orientação: Marlei Salete Mecca.

1. Turismo. 2. Artesanato. 3. Sustentabilidade. I. Mecca, Marlei Salete, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.48(816.5ANTÔNIO PRADO)

“Sistema de indicadores de sustentabilidade para o turismo: uma abordagem do artesanato de Antônio Prado - RS”

Carla Fantin

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 20 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marlei Salete Mecca (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Suzana Maria De Conto
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Flores
Universidade do Vale do Itajaí

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus pais, Carlos e Odete, que sempre me apoiaram nesta caminhada, acreditaram nela, entenderam minhas ausências, os conselhos e por me ensinarem a sonhar que podemos ser mais, que podemos transformar o mundo quando queremos e lutamos para isso. Sem eles não chegaria a lugar algum. Obrigada por tudo.

Agradeço também a minha orientadora Prof.^a Dra. Marlei Salete Mecca, que sempre me apoiou e esteve pronta a ouvir minhas dúvidas e temores, me mostrando o caminho para chegar até aqui; aproveito e estendo este agradecimento a todos os professores e funcionários do programa, que de uma maneira ou outra, contribuíram para a chegada deste momento.

A Casa do Artesão de Antônio Prado, que abriu suas portas e contribuiu para a realização deste trabalho, e a todos os artesãos, ao Poder Público, CDL e à CIC, que participaram da pesquisa e prontamente responderam, meu agradecimento especial, por permitirem e colaborarem para a realização deste estudo.

E, acima de tudo, agradeço a Deus, seu amor, zelo e carinho a mim e por ter colocado em meu caminho estas pessoas, que fizeram toda a diferença para que este sonho viesse a se concretizar.

“As pessoas não compram os produtos pelo que eles são, mas pelo que significam para elas.”

Pierre Bourdieu

RESUMO

A busca pela sustentabilidade tem sido tema recorrente no campo do turismo, devido as suas características que geram influências na localidade em que se desenvolve. Por isso, a análise da sustentabilidade torna-se fator de significância, para a avaliação da realidade existente e para a promoção de ações, que objetivem o turismo sustentável. Assim, o presente estudo tem por objetivo verificar, através do SISDTur, a sustentabilidade econômica, social e institucional, do artesanato comercializado na casa do artesão de Antônio Prado – RS. Para tanto, foi utilizada a metodologia proposta por Hanai (2009), o SISDTur. A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso único, com natureza descritiva e enfoque qualitativo e quantitativo. A coleta de dados se deu a partir da aplicação de questionários, com questões fechadas sobre o artesanato e perguntas sobre o perfil dos respondentes. Os resultados principais evidenciaram que a comercialização do artesanato em Antônio Prado – RS, é potencialmente sustentável nos aspectos econômicos, sociais e institucional, inferindo que a atividade tem produzido efeitos positivos sobre a comunidade envolvida, mas, ainda assim, são necessárias ações para garantir sua sustentabilidade, já que alguns indicadores se apresentaram insustentáveis e parcialmente insustentáveis. Desta forma, foi possível obter o panorama atual da comercialização do artesanato em Antônio Prado – RS, seus indicadores positivos e negativos, para auxiliar na construção do artesanato sustentável na localidade.

Palavras-chave: Turismo. Artesanato. Indicadores de Sustentabilidade. Antônio Prado – RS.

ABSTRACT

The search for sustainability has been a recurring theme in the field of tourism, due to its characteristics that generate influences in the locality in which it is developed. Therefore, the analysis of sustainability becomes a factor of significance, for the evaluation of the existing reality and for the promotion of actions, which aim at sustainable tourism. Thus, the present study aims to verify, through SISDTur, the economic, social and institutional sustainability of craftsmanship marketed in the house of Antônio Prado - RS artisan. For this, the methodology proposed by Hanai (2009), SISDTur, was used. The research is characterized as a unique case study, with descriptive nature and qualitative and quantitative approach. The data collection was done from the application of questionnaires, with closed questions about the craft and questions about the profile of the respondents. The main results showed that the commercialization of handicrafts in Antônio Prado - RS, is potentially sustainable, inferring that the activity has produced positive effects on the community involved, but, nevertheless, actions are necessary to guarantee its sustainability, since some indicators are unsustainable and partly unsustainable. In this way, it was possible to obtain the current panorama of the commercialization of handicrafts in Antônio Prado - RS, its positive and negative indicators, to assist in the construction of sustainable handicrafts in the locality.

Keywords: Tourism. Handicrafts. Sustainability Indicators. Antônio Prado – RS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Os quatro estágios do desenvolvimento do turismo.....	18
Figura 2 – O turismo e o local de destino	24
Figura 3 – Sustentabilidade institucional	31
Figura 4 – Artesanato em palha de milho e trigo.....	37
Figura 5 – Artesanato em crochê	38
Figura 6 – Toalhas em macramê.....	39
Figura 7 – Mapa de localização de Antônio Prado – RS	46
Figura 8 – Casa do Artesão – La Nostra Arte.....	48
Figura 9 – Frivoleto e ponto cruz.....	49
Figura 10 – Visão holística da pesquisa.....	57

QUADROS

Quadro 1 – Principais impactos econômicos do turismo	23
Quadro 2 - Sistemas de indicadores de desenvolvimento sustentável do turismo....	41
Quadro 3 – Dimensões do SISDTur.....	43
Quadro 4 – SISDTur: descritores e indicadores	44
Quadro 5 – Dimensão econômica	54
Quadro 6 – Dimensão social	54
Quadro 7 – Dimensão institucional.....	55
Quadro 8 – Escala de Likert	59
Quadro 9 - Dimensão econômica.....	64
Quadro 10 - Dimensão social.....	69
Quadro 11 - Dimensão institucional	72
Quadro 12 - Sustentabilidade do artesanato	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Idade dos entrevistados	61
Tabela 2 – Escolaridade dos entrevistados	62
Tabela 3 – Renda dos entrevistados	62
Tabela 4 – Renda advinda do artesanato	62
Tabela 5 – Tempo de produção do artesanato	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCOR–	Cadeia Hoteleira de Âmbito Mundial
CDL–	Câmara dos Dirigentes Lojistas
EPA–	Agência Americana para a Proteção do Ambiente
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH –	Índice de Desenvolvimento Humano
IDSM –	Indicador de Desenvolvimento Sustentável para o Município
IPHAN–	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IUCN–	World Conservation Union
MTur –	Ministério do Turismo
OECD –	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMT –	Organização Mundial do Trabalho
ONU –	Organização das Nações Unidas
OMTur –	Organização Mundial do Turismo (ONWTO)
PIB –	Produto Interno Bruto
RS –	Rio Grande do Sul
SISDTur –	Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo
UCS –	Universidade de Caxias do Sul
WTO–	Tourism Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OBJETIVOS	17
2.1	OBJETIVO GERAL.....	17
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3	REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1	TURISMO.....	18
3.2	TURISMO SUSTENTÁVEL	20
3.2.1	Sustentabilidade econômica	22
3.2.2	Sustentabilidade social	27
3.2.3	Sustentabilidade institucional	30
3.3	ARTESANATO	33
3.3.1	Palha de milho e trigo	36
3.3.2	Crochê e tricô	38
3.3.3	Macramê	38
3.4	INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE	40
4	METODOLOGIA	46
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA CIDADE DE ANTÔNIO PRADO – RS.....	46
4.1.1	O artesanato em Antônio Prado	48
4.2	SISTEMA DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO (SISDTUR).....	49
4.3	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	51
4.4	PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO DO SISDTUR.....	53
4.5	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	56
4.6	TRATAMENTO DOS DADOS	58
5	ANÁLISE DOS DADOS	61
5.1	PERFIL DOS ENTREVISTADOS	61
5.2	DIMENSÃO ECONÔMICA	63

5.2.1	Análise dos descritores da dimensão econômica.....	65
5.2.1.1	Rentabilidade.....	65
5.2.1.2	Longevidade do estabelecimento turístico	66
5.2.1.3	Disponibilidade de funcionamento.....	67
5.2.1.4	Gastos do turista	67
5.2.1.5	Investimentos no turismo.....	67
5.2.1.6	Sazonalidade turística	68
5.3	DIMENSÃO SOCIAL	69
5.3.1	Análise dos descritores da dimensão social	70
5.3.1.1	Inserção de residentes	70
5.3.1.2	Empregabilidade.....	71
5.3.1.3	Inserção sócio econômica	71
5.4	DIMENSÃO INSTITUCIONAL	72
5.4.1	Análise dos descritores da dimensão institucional	73
5.4.1.1	Envolvimento com o turismo.....	73
5.4.1.2	Capacitação e investimentos em turismo	74
5.4.1.3	Promoção e comercialização dos produtos.....	75
5.5	SUSTENTABILIDADE DO ARTESANATO.....	75
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS.....	81
	APÊNDICE A	90

1 INTRODUÇÃO

A atividade turística apresenta intersecções com diversos setores da economia. Liga-se com a prestação de serviços, com a oferta de pacotes de viagens, hotéis, restaurantes; ao comércio, com a venda de *souvenirs*, artesanato, produtos locais...; com a indústria, através da produção de ônibus, camas e outros bens necessários para a realização da atividade e com o setor público, uma vez que a movimentação de pessoas e, conseqüentemente, seu consumo geram impostos e taxas, que poderão ser utilizados na melhoria da infraestrutura existente na localidade.

No Brasil, a atividade turística, em 2017, correspondeu a 2,9% do Produto Interno Bruto (PIB) e, considerando a economia direta e indireta, representou 7,9% do PIB em 2017, além de ser responsável por 2,6% dos empregos diretos e 7,3% dos empregos diretos e indiretos no País, de acordo com a *World Travel & Tourism Council* (WTTC) (2018). No Brasil, em 2017, foram realizados investimentos de 62,8 bilhões no mercado de turismo, correspondendo a 6,1% do total de investimentos realizados no País, além de existirem perspectivas de aumentar o PIB brasileiro em 2,5% em 2018, e para os próximos anos, um aumento anual de 2,8%, chegando a corresponder a 8,2% do PIB, em 2028. (WTTC, 2018).

Atualmente, existem 1,2 bilhões de turistas atravessando fronteiras a cada ano, sendo que o turismo representa 10% do PIB mundial, gera 1 em cada 10 empregos no mundo, e 7% das exportações mundiais são devidas a ele, além do turismo ter um papel decisivo na concretização da Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas (ONU). Estes números evidenciam a participação e a força que o turismo possui, além de visualizar uma perspectiva de aumento da sua participação na economia global, nos próximos anos. Diante disso, mostra-se necessário o planejamento deste turismo, para seu desenvolvimento sustentável. (UNWTO, 2018).

A ONU, interessada no desenvolvimento mundial, reuniu, nos dias 25 a 27 de setembro de 2015, mais de 150 líderes mundiais na ONU, em Nova York para adotar uma agenda, com 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, a serem implantados em países de todo o mundo, até 2030. Estes objetivos buscam diminuir a pobreza no mundo, melhorar as condições sociais e a qualidade de vida da população mundial, sendo que umas das metas propostas, para promover o alcance deste objetivo, é

elaborar e implementar políticas para promover o turismo sustentável, que gera empregos e promove a cultura e os produtos locais. (ONU, 2017).

Percebe-se, então, o potencial que o turismo possui: gera empregos, promove a cultura local, desenvolve a econômica, dentre outros tantos. E, assim, pode ser um vetor para viabilizar o desenvolvimento sustentável, diminuindo a pobreza e as desigualdades existentes. No entanto, para que isto ocorra de maneira efetiva e sustentável, é necessário pensar na realidade atual, compreender as características locais, suas singularidades e potencialidades, para, então, traçar os objetivos de desenvolvimento e monitorar os resultados, em um processo contínuo de retroalimentação.

O turismo, conforme Dias (2013), é uma força indutora do desenvolvimento, tanto no nível local como no regional ou nacional, podendo ser acelerada e sustentável, se planejada. Se a atividade turística for realizada sem planejamento, há grandes chances de gerar mais impactos negativos do que positivos. (FREITAS et al., 2014). Portanto, é importante buscar a sustentabilidade em modelos de gestão de políticas públicas coordenadas e integradas, pois, então, pode-se aumentar a capacidade socioeconômica, ambiental e cultural da atividade.

Deve-se realizar a fixação de objetivos e metas, estratégias e meios para atingi-las, assim como o monitoramento dos resultados e a constante avaliação das estratégias utilizadas, para garantir que o turismo se desenvolva de maneira esperada. Através do planejamento, cria-se um cenário imaginário; levantam-se hipóteses e situações que poderão ocorrer; assim, pode-se evitar eventuais problemas e também pode-se criar mecanismos para solucioná-los previamente. (FREITAS et al., 2014).

O relatório Turismo e Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, da Organização Mundial do Turismo (UNWTO) (2018), analisou os dados de 2016 e 2017, de 60 empresas globais de turismo, que juntas empregam mais de dois milhões de pessoas e geram receitas anuais de cerca de 420 bilhões de dólares, para verificar a aplicação dos objetivos de desenvolvimento sustentável. Através deste levantamento, chegou-se às seguintes conclusões:

- a) a competitividade e a lucratividade continuam sendo os principais fatores de sustentabilidade em todas as indústrias de turismo;
- b) em relação às operações comerciais e ao suporte à comunidade anfitriã, a maioria das empresas se concentra na eficiência de recursos, na redução

de poluição e no treinamento de pessoal e, conseqüentemente, gera redução dos custos de operação, melhora na prestação de serviços e na otimização dos resultados de negócios;

- c) o alto percentual de ações relacionadas a operações de negócios e suporte à comunidade anfitriã indica que as empresas tendem a favorecer as atividades que produzem um cenário ganha-ganha, em termos de custos operacionais, bem como fatores externos;
- d) os vínculos do setor com a economia local e as indústrias de apoio proporcionam oportunidades para aumentar e ampliar os suprimentos locais, o que aumenta o valor agregado do setor.

Percebe-se que abraçar práticas sustentáveis é mais do que uma consideração ética ou o cumprimento de uma obrigação social, é perspicácia nos negócios, uma vez que, para a empresa se manter é necessário gerar lucro, sem danificar seu local de atuação (preservação ambiental) e, ainda, propiciar que a comunidade anfitriã seja participante do processo, para assim, fortalecer a atividade turística da localidade.

Logo, esta pesquisa tornou-se relevante, já que possibilitou verificar, através do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo (SISDTur), proposto por Hanai (2009), a sustentabilidade econômica, social e institucional do artesanato comercializado na Casa do Artesão de Antônio Prado – RS, obtendo informações sobre a situação atual do artesanato na cidade. Verificou lacunas existentes na busca do turismo sustentável e pontos positivos que devem ser mantidos, para poder garantir a continuidade da atividade no futuro. As contribuições da pesquisa para a área socioeconômica auxiliaram o entendimento sobre como são trabalhados os aspectos da sustentabilidade (econômico, social e institucional) voltados para o artesanato, na cidade de Antônio Prado, contribuindo para seu desenvolvimento e também o da região.

Com isso, tem-se como questão de pesquisa: Qual é a sustentabilidade econômica, social e institucional, do artesanato comercializado na Casa do Artesão de Antônio Prado – RS? Para responder esta questão foi utilizado o SISDTur, proposto por Hanai (2009), que consiste em um sistema de indicadores selecionados, hierarquizados e ponderados, a partir da participação da comunidade local. Este modelo foi escolhido por envolver a participação da comunidade local na análise dos

indicadores, e por apresentar indicadores, parâmetros e critérios de análise para a verificação da sustentabilidade existente.

O estudo se realizou com representantes do Poder Público e da sociedade civil, além dos artesões de Antônio Prado, que comercializam seus artefatos na casa do Artesão de Antônio Prado – RS, cidade localizada na Serra Gaúcha, integrando a microrregião denominada Rota Turística Uva e Vinho. Buscou-se analisar a sustentabilidade econômica, social e institucional, para assim obter o cenário atual da sustentabilidade do artesanato local.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar, através do SISDtur, a sustentabilidade econômica, social e institucional, do artesanato comercializado na casa do artesão de Antônio Prado – RS.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- identificar a rede de atores sociais envolvidos com o artesanato em Antônio Prado – RS;
- verificar o perfil dos respondentes;
- examinar a geração de recursos para os artesãos, provenientes da comercialização do artesanato;
- verificar se o artesanato proporciona a inclusão social do artesão;
- investigar como o artesanato é contemplado nas ações institucionais, voltadas para o turismo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

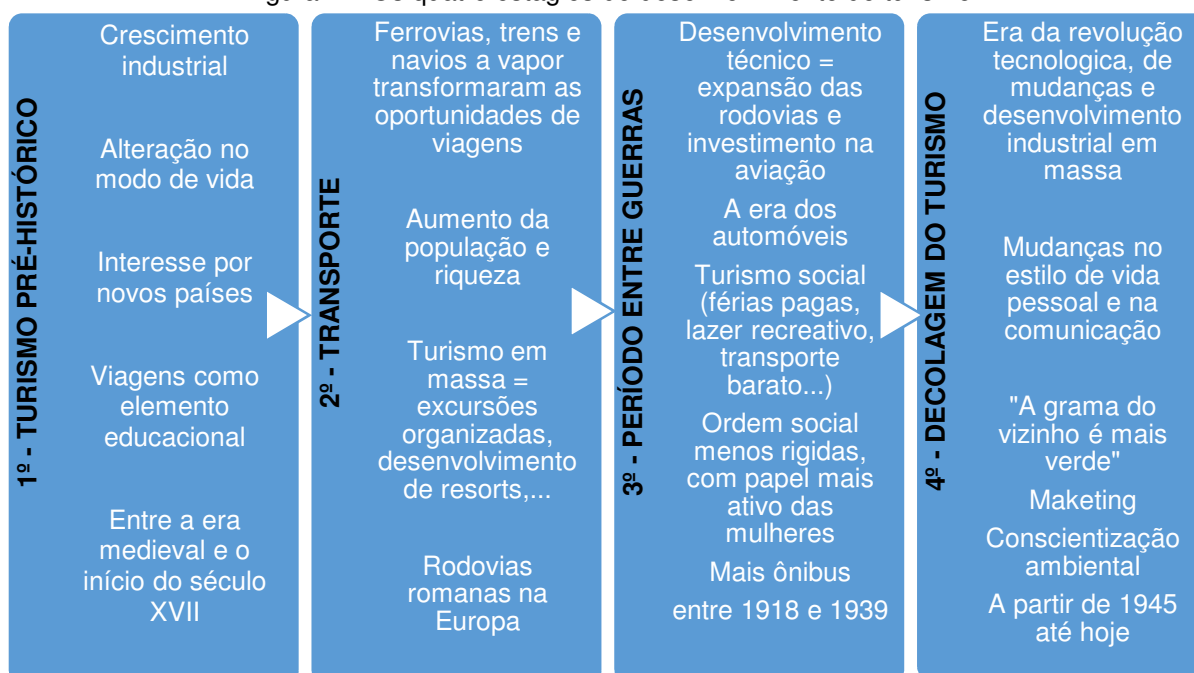
Para melhor compreensão do tema, a pesquisa inicialmente abordou o turismo, como fenômeno, sua evolução histórica e suas interligações, seguido pela análise da sustentabilidade do turismo, com enfoque na sustentabilidade econômica, social e institucional. Após, foi explorado o artesanato e por fim os sistemas de indicadores de sustentabilidade, para assim construir a base de conhecimentos necessária para a realização desta pesquisa.

3.1 TURISMO

O turismo é recente, já que até o século XVII, as viagens tinham fins comerciais, profissionais ou de saúde e educação, sendo que a maioria da população vivia em comunidades agrícolas e raramente saía da área local. Situação que se alterou no século XVIII, com o desenvolvimento urbano e o surgimento de fábricas, que proporcionaram o crescimento da população e o aumento da riqueza na época. Assim, com a construção de estradas, o desenvolvimento do transporte, o aumento do poder aquisitivo e o desejo de viajar, o turismo foi consolidando-se até se tornar o que é hoje. (LICKORISH, 2000).

Conforme Lickorish (2000), o desenvolvimento do turismo ocorreu em quatro estágios demonstrados através da Figura 1.

Figura 1 – Os quatro estágios do desenvolvimento do turismo



Fonte: Adaptado de Lickorish (2000).

Identifica-se, pelos estágios apresentados por Lickorish (2000), que o crescimento industrial afetou o modo de vida da população e também proporcionou a aceitação de viagens como elemento educacional. Somada a isto, ampliou-se a presença de férias remuneradas, melhores estradas, maior divulgação, em que as viagens de longa distância gradualmente se tornaram uma atração popular, em virtude da distribuição de riqueza e melhorias na alfabetização; com isso também houve melhoras nos serviços de hospedagem e de viagens, consolidando o turismo como parte do cotidiano das pessoas.

A partir desta consolidação, estruturaram-se as primeiras definições de turismo e turista, no início do século XIX. O dicionário inglês *The Shorter Oxford English Dictionary*, publicado entre os anos de 1810 e 1811, contou com as seguintes definições:

- turismo: a teoria e a prática de viajar, por prazer;
- turista: pessoa que faz uma ou mais excursões, especialmente alguém que faz isso por recreação. Alguém que viaja por prazer ou cultura, visitando vários lugares por interesse, paisagens, etc.

Estas definições de turismo relacionam o deslocamento pelo tempo e espaço, enquanto já existem outras afirmações, conforme Moesch e Gastal (2008), que relacionam o deslocamento com o estranhamento que uma nova experiência pode ocasionar sobre o sujeito, sem, contudo, ser medido pelo tempo e espaço ou pela duração percorrida.

Dias (2013, p. 16) afirma que as definições mais sintéticas sobre o turismo foram formuladas por Marcel Gautier, para quem o turismo “é o conjunto de fenômenos econômicos e sociais originados pelas viagens”.

Estas diferentes definições, conforme Pakman (2014), originam-se devido as diversas abordagens e disciplinas que o turismo abrange e, assim, novas definições ocorrem, sem contudo, que sejam absolutizadas. Dentre os diferentes campos nos quais o turismo atua, de forma gradual, ele vem se consolidando como atividade economicamente representativa, possível de gerar desenvolvimento local, na região em que atua. (RODERMEL, 2014).

Conforme Nodari (2007), há uma relação de causa e efeito entre a economia e o turismo, pois quando há desenvolvimento econômico, há maior renda para a realização de viagens, promovendo a atividade turística e, por outro lado, a atividade turística, com a prestação de seus serviços, promove o desenvolvimento econômico,

assim beneficiando todos os envolvidos. Ainda conforme Nodari (2007), quando recursos para o turismo são investidos em regiões menos favorecidas, espera-se o desenvolvimento deste local, já que haverá maior fluxo de renda, que movimentará o comércio, os serviços e as indústrias locais, podendo melhorar a qualidade de vida da população autóctone.

Por consequência, é possível identificar como a economia e o turismo estão interligados não somente como geradores de renda, mas também como propulsores do desenvolvimento local/regional de determinada localidade, podendo melhorar a qualidade de vida, assegurar melhores estradas, hospitais, entre outros serviços fundamentais para a população e para os turistas.

Segundo o Ministério do Turismo (MTur) (2017), o turismo sustentável valoriza as diferenças culturais e contribui para o fortalecimento da paz no mundo. O turismo, se bem concebido e gerido, proporciona emprego e renda em harmonia com a natureza, a cultura e a economia dos destinos. O consumo responsável dos serviços turísticos também minimiza impactos negativos ambientais e socioculturais e, ao mesmo tempo, promove benefícios econômicos para as comunidades locais e do entorno dos destinos.

Diante disso, no próximo item é abordado o desenvolvimento sustentável do turismo em seus conceitos e premissas, buscando analisar sua implantação e manutenção em localidades turísticas, para melhor compreensão do tema proposto.

3.2 TURISMO SUSTENTÁVEL

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMTur) (2001), o desenvolvimento sustentável do turismo é baseado em três pontos vitais:

- sustentabilidade ambiental: propõe o desenvolvimento com a manutenção dos processos ecológicos, recursos biológicos e da diversidade;
- sustentabilidade social e cultural: propõe que o desenvolvimento aumenta o controle das pessoas sobre sua própria vida, sendo que a cultura e os valores morais do povo devem ser mantidos e fortalecidos como tal.
- sustentabilidade econômica: propõe que o desenvolvimento é economicamente eficaz e que os recursos originados possam suportar as futuras gerações.

Além destes tópicos, Sachs (2004) elenca mais quatro pontos para validação do desenvolvimento sustentável, sendo eles:

- sustentabilidade territorial: melhoria do ambiente urbano; separação das disparidades inter-regionais; estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguro, para áreas ecologicamente frágeis;
- sustentabilidade política (nacional): democracia definida em termos de apropriação dos direitos humanos; nível razoável de coesão social e desenvolvimento da capacidade do estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores;
- sustentabilidade política (internacional): eficácia do sistema de prevenção de guerras, na garantia de paz e na promoção da cooperação internacional; controle institucional efetivo do sistema internacional financeiro e de negócios; controle institucional efetivo da aplicação do princípio de precaução na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais;
- sustentabilidade ecológica: preservação do potencial da natureza na sua produção de recursos renováveis e limitação do uso dos recursos não renováveis.

Estes pilares, quando trabalhados de maneira conjunta, visam a melhorar a qualidade de vida da comunidade envolvida; oferecer ao turista experiências de qualidade em sua visita e manter os processos atuais sem comprometer os futuros. Portanto, o desenvolvimento local sustentável pode ser conceituado como um processo endógeno¹ de mudança e, para ser consistente e sustentável, deve ter dinamismo e viabilidade econômica; mobilizar e explorar as potencialidades locais; e contribuir para elevar as oportunidades sociais e, ao mesmo tempo, deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a base de suas potencialidades. (HANAI, 2012).

Logo, conforme Dias (2013), o turismo é uma força indutora do desenvolvimento econômico, social e cultural, tanto no nível local, como regional ou nacional, podendo ser acelerada e sustentável, se planejada. Tasso, Assad e Nascimento (2010, p. 17) afirmam que, para um local ser sustentável, é “preciso que as transações sejam harmônicas e diversificadas, zelando por recursos naturais,

¹ Forma específica de organização da produção, da integração da sociedade e das instituições, nos processos produtivos e na capacidade de resposta do território e dos atores econômicos, a um novo cenário econômico, político e institucional.

inclusão social e viabilidade econômica em longo prazo”. Percebe-se, portanto, a necessidade do planejamento das atividades em turismo, para que as mesmas possam desenvolver o local de sua atuação.

Assim sendo, serão abordados as conceituações e definições de sustentabilidade econômica, social e institucional, que foram pontos-chave de estudo nesta pesquisa, para uma melhor compreensão do estudo proposto e de suas variáveis.

3.2.1 Sustentabilidade econômica

Atualmente, o turismo emprega uma pessoa a cada 10 empregos no mundo inteiro (de maneira direta, indireta e induzida), corresponde a 7% das exportações globais e 1,2 bilhões internacionais viajam a cada ano. (UNWTO, 2018). Estes dados evidenciam a força econômica que o turismo possui, e ainda estimativas apontam que o turismo crescerá 3,3% anualmente até 2030, podendo chegar a 1,8 bilhões de turistas; para 2030, prevê-se que a população mundial chegará a 8,6 bilhões de pessoas (ONU, 2017), ou seja, aproximadamente 21% da população mundial realizarão turismo internacional.

Nos últimos anos, houve crise econômica mundial, desastres naturais e pandemias; no entanto, estes eventos não impactaram o setor do turismo, pois o mesmo não parou de crescer, inferindo que o turismo apresenta imensas oportunidades econômicas de crescimento e desenvolvimento, e, ao mesmo tempo, apresenta grandes desafios e responsabilidades. (UNWTO, 2018).

Estes desafios e as responsabilidades estão ligados, principalmente, com as mudanças sociais, econômicas e culturais que o turismo provoca, uma vez que diversas são as alterações que impactarão o modo de vida da população local, em que o turismo estiver inserido. Por isso, é preciso que o turismo seja realizado de maneira sustentável, para haver uma distribuição adequada e equilibrada de benefícios e custos a todos. (OMT, 2001).

O turismo possibilita a entrada de divisas estrangeiras no país e a injeção de capital e dinheiro na economia local, além de propiciar a criação de empregos, nos diversos setores de apoio e gestão de recursos. (OMT, 2001).

À vista disso, o Quadro 1, demonstra, conforme Dias (2013), os principais impactos econômicos causados pelo turismo no seu local de atuação.

Quadro 1 – Principais impactos econômicos do turismo

Impacto	Descrição
Efeito multiplicador	O turismo provoca o crescimento de diversos setores que não estão diretamente ligados à atividade turística.
Redistribuição de renda	O turismo permite que a renda seja redistribuída para regiões com menor desenvolvimento.
Modificação das estruturas de consumo	O desenvolvimento turístico fomenta o consumo de modo geral, incrementando a demanda por bens e serviços.
Influência sobre os preços	O turismo pode gerar uma elevação dos preços devido ao caráter sazonal, a concentração espacial nos meses de alta temporada e o excesso da demanda sobre a oferta turística.
Especulação sobre o uso do solo	Compra e venda de solo turístico baseado na expectativa de aumento de seu valor de mercado.
Efeito sobre as importações e as exportações	Com a movimentação de turistas, há a importação e exportação de equipamentos e de tecnologia, que estarão ligados ao consumo turístico.
Efeitos sobre os investimentos	Para a existência da atividade turística em uma região, é necessário criar capital fixo (investimentos); a construção de alojamentos, ruas, espaços de lazer, entre outros.
Efeitos sobre o trabalho	O turismo é fonte geradora de trabalho direto e indireto. Direto: trabalhadores em hotéis, restaurantes,...; indiretos: indústrias de <i>souvenirs</i> , artesanato,...

Fonte: Dias (2013) adaptado pela autora.

Através do Quadro 1, é possível identificar que o turismo provoca mudanças constantes na economia local, seja na geração de empregos, oferta de produtos e serviços, valorização imobiliária, alteração de preços, entre outros efeitos, que impactarão a econômica e o modo de vida de uma população, alterando-se as relações existentes entre si.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) (2009), sustentabilidade econômica é definida como a garantia de um crescimento turístico eficiente, com a conciliação entre a criação de postos de trabalho, com níveis satisfatórios de renda e o controle sobre os custos e benefícios dos recursos, o que garante sua continuidade para as gerações futuras.

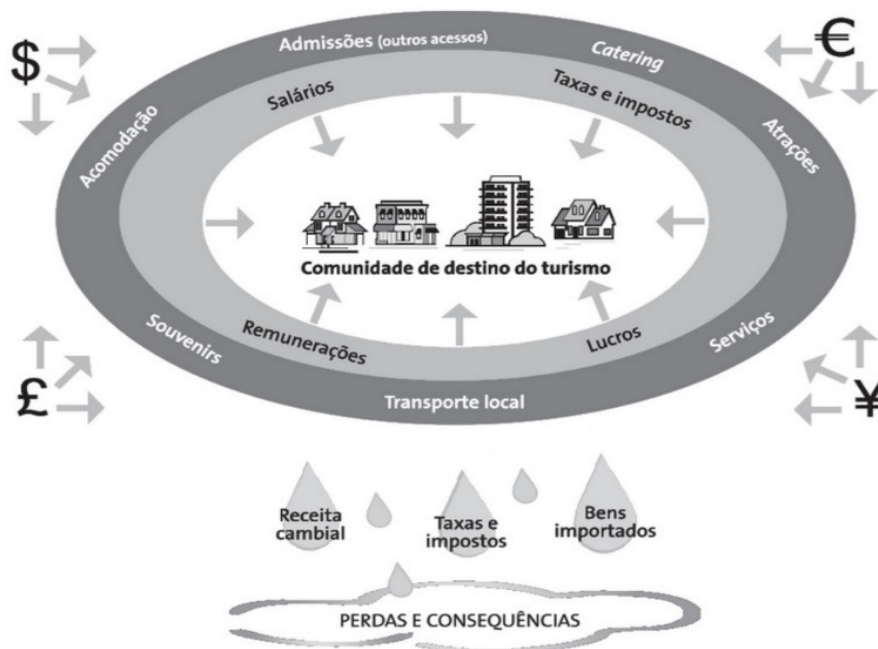
Percebe-se que a sustentabilidade econômica é importante para o desenvolvimento e a manutenção sadia da atividade turística em uma localidade, e ainda permite que o turismo seja um vetor para “promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos”, que é o oitavo objetivo para o desenvolvimento sustentável, conforme a

ONU (2015), já que o desemprego global aumentou, de 2007 para 2012, em 32 milhões de pessoas, aproximadamente 2,2 bilhões de pessoas vivem abaixo da linha de pobreza, 470 milhões de novos empregos serão necessários mundialmente para a entrada de novas pessoas ao mercado de trabalho, até 2030; e as pequenas e médias empresas, voltadas para o processamento industrial e para as manufaturas correspondem a 90% dos negócios do mundo e contabilizam de 50% a 60% dos empregos. (ONU, 2017).

Para promover o alcance deste objetivo, uma das metas propostas é, até 2030, elaborar e implementar políticas para promover o turismo sustentável, que gera empregos e promove a cultura e os produtos locais. (ONU, 2017).

Neste sentido, o turismo é visto como uma ferramenta para o desenvolvimento sustentável, pois, como abordado anteriormente, o turismo possui efeito multiplicador, em que os gastos dos turistas, ao adquirem algum bem ou serviço, contribuem para a geração de lucros e oportunidade de empregos e desta forma geram-se impostos e taxas para o setor público. A Figura 2 ilustra estas relações originadas no turismo.

Figura 2 – O turismo e o local de destino



Fonte: Godfrey e Clarke (2000).

Através da Figura 2, visualizam-se as relações decorrentes da atividade turística, suas trocas e influências mutuas, e a criação de uma reação em cadeia, que produz benefícios econômicos adicionais. Os turistas negociam com

estabelecimentos locais, que, por sua vez, adquirem os produtos na própria localidade e, com a venda, geram-se impostos e a distribuição de renda aos envolvidos.

No entanto, cabe-se ressaltar que estas relações estão pautadas na existência de acolhimento social, em que a comunidade é receptiva ao turismo, e também há questões ambientais, envolvendo questões de preservação e garantia da sua manutenção no presente e no futuro. (AMARAL JUNIOR, 2012).

Os investimentos realizados em turismo precisam refletir positivamente na comunidade receptora, e serem visíveis a ela, pois o turismo, como gerador de renda, deve ter como premissa o desenvolvimento local, que possibilite melhorias na infraestrutura, igualdade regional, capacitação dos recursos humanos e equilíbrio na concentração, de renda das populações envolvidas na atividade. (LAGE; MILONE; 2009).

O turismo, para ser sustentável, precisa defender a autenticidade sociocultural das comunidades anfitriãs, ao mesmo tempo assegurar benefícios socioeconômicos aos envolvidos. (TRIARI; JONES; SATYAWATI, 2017). Logo não se deve criar uma economia exploratória na comunidade de destino, mas deve haver a construção de uma economia voltada para a comunidade anfitriã, para, assim, fortalecer a atividade turística da localidade.

Em congruência ao retorno positivo dos investimentos em turismo, Bacal et al. (2007) apontam que, normalmente, as regiões turísticas estão situadas em áreas periféricas, classificadas no setor primário da economia, utilizando-se principalmente da pesca para geração de recursos e sobrevivência; justamente nestes locais, o turismo pode ser utilizado como ferramenta para a ruptura deste sistema, com a injeção de capital, realização de investimentos que possibilitem aumentar a demanda, que, assim, provocará o aumento dos investimentos produtivos e, conseqüentemente, maior geração de renda, para a diminuição das desigualdades sociais.

Segundo o MTur (2009), a atividade turística pode alterar essa situação, já que carrega consigo características próprias que a torna única dentre outras atividades econômicas; dentre essas pode-se mencionar:

- inclusão das classes menos favorecidas da sociedade: diante do grande campo de atuação do turismo, como hotéis, bares, restaurantes, áreas de diversão e outros, é necessário o emprego de uma quantidade considerável de mão de obra, em sua maioria formada por pessoas com baixa

escolaridade, que no turismo têm a possibilidade de atenuar as desigualdades de renda e proporcionar a inclusão social;

- elemento de integração nacional: o turismo permite que os brasileiros conheçam seu próprio país, valorizando sua diversidade física e cultural e a promoção do sentimento de unidade;
- capacidade de gerar divisas: investimentos diretos em atividades turísticas e o fluxo de estrangeiros que visitam o país proporcionam a geração de renda e também o crescimento econômico da região.

Diante disso, visualiza-se a capilaridade que o turismo pode alcançar; no entanto, é necessário que o desenvolvimento econômico seja planejado juntamente com as necessidades sociais, a preservação cultural e ambiental e, a partir deste equilíbrio, venha-se a implantar políticas e meios que assegurem a sustentabilidade do turismo no local.

Dentre os desafios encontrados para promover a sustentabilidade econômica no turismo, Bacal et al. (2007) mencionam a geração de empregos para moradores locais, pois geralmente os empresários dos setores turísticos geram empregos de baixa qualificação, enquanto que funções de alta qualificação são ocupadas por pessoas de outras regiões.

Desse modo, há um aumento da população local, decorrente da busca de emprego, somada ao fluxo de turistas, que intensifica a demanda por produtos e serviços, elevando os preços para toda a população. Uma alternativa para esta situação é investir em qualificação da população local e também na melhora dos processos produtivos, para que os preços não sofram oscilações bruscas. No entanto, para que isto aconteça é necessário haver parcerias e apoio público. (BACAL et al., 2007).

Outro ponto a ser discutido é a sazonalidade do turismo, que, conforme Rodermel (2014, p. 79), é definida como a “variação de fluxos, eventos ou acontecimentos, em uma localidade ou destino turístico, em certos períodos de tempo”. Com isso, há uma dificuldade maior no ajuste da oferta e da procura de produtos e serviços, gerando imprecisão no momento de definição dos preços.

O MTur (2016) expõe que, para o turismo ser sustentável economicamente, dentre outros pontos, deve:

- contribuir para o desenvolvimento econômico da comunidade, adquirindo produtos e serviços da região e contratando mão de obra local;

- demonstrar o compromisso do empreendimento com a comunidade, investindo parte do retorno financeiro da empresa em programas sociais, cursos de capacitação, projetos socioculturais, dentre outros;
- adotar uma política inclusiva, contratando pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida;
- adaptar o empreendimento de modo que atenda às normas de acessibilidade.

Vários são os desafios a serem superados, para que haja sustentabilidade no turismo. No entanto, estes não devem ser vistos como impeditivos, mas sim como estímulos, para garantir qualidade de vida, desenvolvimento social, preservação cultural e ambiental, nos locais que se valem do turismo. (RODERMEL, 2014).

Logo, avalia-se que o turismo pode, sim, ser o promotor de desenvolvimento econômico local, criando empregos, aumentando a utilização de bens e serviços, gerando renda, entre outras influências ocasionadas por sua prática. No entanto, sempre é necessária a reflexão do que de fato ficará com a comunidade local, pois, segundo Lemos (2005), a sustentabilidade econômica deve reproduzir, de maneira a não desvalorizar, as riquezas sociais e ambientais existentes, agregando valor a elas e gerando benefícios para os participantes do processo, para que se estabeleça uma realimentação evolutiva e permanente do sistema, respeitando os limites de cada comunidade. Assim, a sustentabilidade econômica de um local somente será válida, se houver condições de ser mantida e conservada para as futuras gerações.

3.2.2 Sustentabilidade social

O turismo, ao gerar renda e divisas, torna-se uma ferramenta transformadora, um agente de resgate da tradição local e de inclusão social. (OLIVEIRA, 2008). Através da participação comunitária, cooperação e solidariedade, é possível um duplo processo educativo, pela educação, pelo lazer, que poderão contribuir na educação patrimonial. Neste ponto, ocorrerá a recuperação da autoestima individual e da localidade, com a valorização do saber-fazer e da cultura local, e assim com o fortalecimento da autoestima pelo incentivo ao conhecimento e à cidadania. Promovida pela existência do turismo, ocorre a restauração da formação do indivíduo. (BENI, 2012).

Quando se aborda a definição de sustentabilidade social, Nascimento (2012) afirma que a sustentabilidade social ocorre quando todos os cidadãos têm o mínimo necessário para uma vida digna, sem que outros absorvam seus bens, recursos naturais e energéticos. Oliveira (2008) apresenta a sustentabilidade social como o processo de atitudes afirmativas, no sentido de inserir os menos favorecidos no contexto social, nas práticas de lazer e entretenimento, e Barbieri et al. (2010) mostram a sustentabilidade social como uma preocupação com os impactos sociais das inovações nas comunidades humanas, dentro e fora da organização (desemprego; exclusão social; pobreza; diversidade organizacional, etc.). Portanto, a sustentabilidade social está pautada na construção de uma civilização do “ser”, em que exista uma distribuição do “ter” (renda), de modo a melhorar as condições e os direitos dos moradores locais, influenciados pelo turismo e, assim, reduzir a disparidade nos padrões de vida entre as classes sociais. (MENDES, 2009).

Para alcançar a sustentabilidade social, o turismo precisa se desenvolver de maneira a envolver a comunidade, oferecendo empregos e outros incentivos; caso contrário, estará se autoinduzindo ao fracasso. A comunidade precisa estar presente no processo de implantação do turismo na localidade, para que ela possa ser participativa, além de estimular o tratamento hospitalareiro para os turistas. (OLIVEIRA, 2008).

As comunidades devem assumir um papel ativo na gestão da atividade e no seu planejamento, visando à geração de benefícios para seus membros. Esta gestão deve ser participativa, em que diferentes atores sociais viabilizem um projeto comum, mantendo seus interesses pessoais e suas peculiaridades. Isto coloca em prática um exercício consciente de corresponsabilidade, de participação local e governança compartilhada, com o objetivo de atender à demanda de turistas e conciliar o desenvolvimento local, com a percepção das próprias comunidades. (BURGOS; MERTENS, 2015). Sendo que, quanto maior for a integração da comunidade, maior será a capacidade de cooperação e de crescimento do grupo envolvido. (NUNES; SANTOS; AZEVEDO, 2014).

Para conseguir a participação da comunidade no desenvolvimento do turismo, podem ser lançadas campanhas de conscientização sobre seus benefícios e incluir nos currículos escolares mensagens sobre a importância do turismo; mostrar a hospitalidade e cortesia como atitudes fundamentais para o seu crescimento; estimular a opinião da comunidade, através da manifestação individual, para, assim,

desenvolver o turismo com o olhar da comunidade (OLIVEIRA, 2008), além de criar um processo de autonomia decisória local e comunitária; uma capacidade local de captação de recursos para investimentos em atividades produtivas e de serviços, com consciência e ação ambiental e um sentimento de pertença ao território, de forma individual e principalmente coletiva. (AGUIAR, 2007).

Assim cria-se um turismo planejado, com a participação da comunidade, resultando na inclusão de diversos setores, pois, os recursos gerados pelo turismo circularão em restaurantes, hotéis, parques, entre outros, e assim o comércio e a população poderão ser beneficiados, originando renda e empregos, sendo necessário que a própria comunidade reflita e defina o tipo de turismo que melhor se aproxima da realidade local, transformando-se em agente principal do desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2008).

Diante deste ideal de desenvolvimento com sustentabilidade social, Sachs (2004, p. 85) e Aguiar (2007, p. 104) apontam que deve existir:

- distribuição justa de renda;
- emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente;
- igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais;
- promoção de processos de inclusão social, a partir do crescimento dos níveis de empregabilidade e de renda;
- capacitação e treinamentos dos recursos humanos, com vistas à mobilização de suas virtualidades e habilidades para realizações empreendedoras;
- dimensionar a ociosidade dos recursos humanos e naturais e do capital social básico ou de economias externas existentes.

Logo, visualiza-se que a sustentabilidade social existe quando a atividade do turismo é benéfica para a comunidade local, sendo que esta comunidade precisa ter voz e estar envolvida nos serviços originados pela presença do turismo na localidade. Portanto, através destes pontos, em conjunção com os demais autores referidos, percebe-se que o desenvolvimento do turismo deve estar atrelado à melhoria da qualidade de vida da comunidade receptora, ao acesso à saúde, educação, cultura, e como participante no planejamento do turismo na localidade.

Em concordância com os pilares de sustentabilidade econômica e social, o próximo item aborda a sustentabilidade institucional, apresentado sua ligação e sua importância do desenvolvimento do turismo sustentável.

3.2.3 Sustentabilidade institucional

Segundo o MTur (2016), a sustentabilidade institucional é o princípio que assegura a solidez e a continuidade das parcerias e dos compromissos estabelecidos entre o governo e a sociedade civil, e Dias (2008), aponta que a sustentabilidade institucional baseia-se no conjunto de ações executadas pelo Estado, dirigidas a atender às necessidades de toda a sociedade.

As políticas públicas são instrumentos que, se bem-elaborados, implementados, monitorados e avaliados corretamente são capazes de promover o desenvolvimento social e econômico, não somente das populações, mas também dos setores da economia às quais se destinam. São ações que visam à melhoria do bem-estar social e, portanto, devem ser elaboradas levando em consideração a participação da sociedade. (SILVA; COSTA; CARVALHO, 2013).

Portanto, uma política pública de turismo deve ter como objetivo melhorar a qualidade do ambiente urbano, a qualidade de vida da comunidade envolvida, na ampliação da variedade de oportunidades culturais, que são condições indispensáveis para atrair e desenvolver novas oportunidades de geração de renda e trabalho, beneficiando assim toda a comunidade. (BENI, 2012).

O Poder Público pode criar meios para que a comunidade receptora venha a sanar as necessidades locais, estimular suas potencialidades e agir juntamente com as instituições, organizações e população local, para que o turismo se desenvolva de maneira sadia, assim proporcionando resultados maiores, visando benefício da região. (SILVINO, 2015).

Para Beni (2012), os princípios que devem nortear o processo do planejamento, pelo Poder Público, estão baseados na participação de todos os atores que interagem no processo em andamento; no trabalho coletivo, que permite a soma de esforços eficazes e coordenados, e na aplicação de métodos de investigação da realidade econômica, social, política, pois a realidade é bem mais complexa do que a possibilidade metodológica do planejamento permite racionalizar.

Percebe-se que a participação da comunidade e o trabalho em conjunto, entre Poder Público e os atores envolvidos, são necessários para o desenvolvimento sustentável, já que o “marco ideológico de referência para a gestão turística se expressa por meio de uma política que, para o desenvolvimento de um turismo harmônico, competitivo, sustentado e sustentável, deve ser produto da participação

ativa da maioria dos atores envolvidos no cenário da localidade”. (MOESCH, 2012, p. 210). Pode-se dizer que uma política de desenvolvimento local está associada a uma dinâmica “de baixo para cima”, na qual os atores locais desempenham papel central na sua definição, execução e no controle. (GUERREIRO MARCON, 2007).

Visualiza-se, então, a existência de uma relação próxima entre o Poder Público e a comunidade que desenvolve do turismo; quanto a isso, a Figura 3 procura demonstrar as relações entre as esferas públicas e privadas na geração da sustentabilidade institucional, utilizando-se do exemplo de uma associação de catadores.

Figura 3 – Sustentabilidade institucional



Fonte: Ministério do Turismo (2016).

Através da Figura 3, concebe-se a interligação dos diversos agentes na formação da sustentabilidade institucional, em que cada um desenvolve seu papel e, assim, com a participação de todos, a sustentabilidade ocorre, beneficiando-os. No entanto, o inverso também é verdadeiro, a partir do momento em que alguma das partes não se envolver ou não executar sua função de maneira sadia, as consequências atingirão os outros agentes, interferindo na sustentabilidade de toda a estrutura.

Para que cada esfera pública possa desenvolver seu papel na promoção do turismo sustentável, deverá promover, de acordo com o MTur (2016) e Moesch (2012), as seguintes ações:

- criar fóruns e conselhos estaduais/municipais, que visem à disseminação de políticas voltadas à sustentabilidade, para garantir maior abrangência das ações;
- melhorar a qualidade de vida nos meios rurais e em destinos turísticos com base local;
- promover e reforçar os componentes organizativos e das competências das comunidades envolvidas, desenvolvendo e/ou ampliando seu capital social;
- desencadear ações de apoio ao empreendedorismo e à promoção de atividades socioeconômicas e culturais, que busquem o fortalecimento da identidade territorial;
- criar projetos de intervenção social, com programas de apoio ao jovem para a sua permanência nas localidades de origem;
- promover turismo e lazer ativos.

Para isso, deve-se realizar um planejamento das potencialidades e prioridades da localidade e, então, estabelecer metas e objetivos alinhados à política nacional de turismo. (SILVA; COSTA; CARVALHO, 2013). Dentro deste planejamento de potencialidades, o papel do Estado no turismo pode ser identificado por segmentos, conforme Dias (2008) aponta:

1. coordenação: coordenar a implantação de política de turismo que envolverá diversos atores, traduzindo os interesses específicos em interesses coletivos e que beneficiem toda a comunidade;

2. planejamento: tem como objetivo traçar linhas e alvos para que o planejamento ocorra de modo ordenado e determinado;

3. legislação e regulamentação: criação de leis, decretos e resoluções para a realização de políticas públicas. Através delas, serão estabelecidas regras, limites condições, etc., que são fundamentais para a organização turística;

4. empreendimentos: o estado deve fornecer infraestrutura básica, como estradas e saneamento, além de poder ser o proprietário e dirigir empreendimentos, como hotéis, pousadas, etc.;

5. incentivo: o estado pode oferecer incentivos para o desenvolvimento do turismo, como empréstimos, incentivos fiscais, isenções, etc.;

6. atuação social: o estado pode prover o turismo em camadas sociais menos favorecidas, contribuindo para a expansão da atividade e para a ampliação do exercício do lazer;

7. promoção do turismo: o estado deve promover o turismo nas regiões emissoras de turistas, para que haja fluxo de turistas e geração de renda.

Assim, percebe-se que o caminho para o desenvolvimento turístico sustentável passa por um planejamento baseado em princípios preservacionistas, na corresponsabilidade, participação da comunidade local, descentralização e em parcerias. (BOLSON, 2005). O estado tem grande influência no desenvolvimento do turismo de maneira sustentável, já que poderá fomentar a criação de projetos e leis que busquem o crescimento econômico da localidade, atrelada ao desenvolvimento social e, por conseguinte, possibilite que as desigualdades sejam minimizadas e que o turismo se torne um vetor de desenvolvimento sustentável.

No próximo tópico, é apresentado o artesanato, suas definições e peculiaridades, para, após, serem abordados os indicadores de desenvolvimento sustentável.

3.3 ARTESANATO

O artesanato é definido por Chilvers como

[...] termo aplicado a objetos utilitários e decorativos feitos segundo modelos tradicionais sem treinamento formal para uso cotidiano e ornamental [...]. Entre os produtos mais típicos contam-se os entalhes decorativos em madeira, o bordado, a renda, os cestos e a cerâmica. (2001, p. 421).

Utilizando-se de diferentes técnicos manuais de produção, o artesanato é considerado um bem cultural imaterial. (SILVA, 2014). O órgão responsável por preservar esses bens é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, dentro dele, o Departamento do Patrimônio Imaterial, que protege, segundo Brayner,

[...] os ofícios e saberes artesanais, as maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir, moradias, as danças e as músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares que revelam os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade. (BRAYNER, 2007, p.16).

Portanto, o artesanato não é apenas a aquisição de um conhecimento em profundidade e o desenvolvimento de uma habilidade, mas o “diálogo” constante entre o fazer e o pensar, de forma indissociada (SENNET, 2009), além de mostrar o comprometimento do artesão em honrar os desígnios humanos, ao fazer algo bem-feito, sem outras justificativas além do orgulho e da autorealização, a partir da execução do próprio trabalho. (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014).

Pode-se perceber que a troca de informações cria uma ressignificação da prática artesanal, tendo como resultante da produção peças diferenciadas e contemporâneas, carregando histórias e vivências de quem as produziu. Trata-se de um movimento em favor da produção vivenciada, contextualizada na troca de conhecimentos e reflexões. (NAZÁRIO, 2010).

O artesanato possui um modo informal de aprendizagem, em que o artesão produz a partir do que aprendeu, através das relações familiares, observando e imitando, ou seja, aprende-se a fazer, fazendo; por isso, o artesanato tem cunho pessoal e subjetivo, já que é próprio de cada um. (PRUDENCIO, 2012).

Assim, o artesanato está repleto de singularidades vividas pelo artesão, que, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, no uso das atribuições que lhe foram conferidas, no art. 23 do Anexo I do Decreto 7.096, de 4 de fevereiro de 2010, o define como

[...] trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças. (2010).

A fim de que a definição adquira precisão, no parágrafo 1º do referido decreto, caracteriza-se aquele que não pode ser reconhecido como artesão:

Não é artesão aquele que:

I – trabalha de forma industrial, com o predomínio da máquina e da divisão do trabalho, do trabalho assalariado e da produção em série industrial;

II – somente realiza um trabalho manual, sem transformação da matéria-prima e fundamentalmente sem desenho próprio, sem qualidade na produção e no acabamento;

III – realiza somente uma parte do processo da produção, desconhecendo o restante.

Verifica-se, portanto, que o trabalho manual se caracteriza como artesanato, e que o uso de ferramentas e máquinas deve ser restrito, não impedindo o contato direto do artesão com a matéria-prima, já que este contato humaniza o objeto e lhe proporciona sua identidade, evidenciando a cultura local, a inexistência de produção em larga escala e o desenvolvimento da criatividade humana. (ANDRADE, 2015).

O artesão imprime sua tradição em suas peças, passando por momentos de confronto, entre manter-se fiel às suas origens, ao atendimento do desejo do consumidor. Conforme Campos

[...] o artesão se vê pressionado entre o desejo de criar, a expectativa de permanecer como o guardião da tradição e a necessidade de reproduzir objetos facilmente comercializáveis. Frente a essas contradições o artesanato pode se constituir na imagem dialética que são imagens autenticamente históricas e não arcaicas; mantendo a relação entre o memorizado e seu lugar de emergência. Apontando para um espaço de projeção de esperança, portanto de possibilidades de reinvenção do cotidiano e do coletivo. (2005, p. 241).

Portanto, o artesanato, que simboliza o cotidiano e as raízes do artesão e está ligado às mais variadas culturas e modos de vida, pode ter suas características, que o tornam único, alteradas, e neste ponto é interessante frisar que, conforme Gastal (2012), o artesanato representa produção local e aspectos culturais singulares, enquanto que os *souvenirs* não possuem necessariamente esta relação. Por isso, deve-se atentar que o *souvenir* pode não ser um produto local, sendo necessário observar distinções nos mesmos.

Existe uma diversidade de representações do artesanato, que, conforme Lemos (2011), contempla cinco tipos de artesanato, que são definidos conforme sua origem, natureza de criação e de produção:

1. artesanato indígena: produção realizada por comunidades indígenas, sendo os produtos resultantes de trabalhos coletivos, pertencentes ao cotidiano da tribo;
2. artesanato de reciclagem: criado a partir da reutilização de materiais descartados;

3. artesanato tradicional: expressa a cultura de um determinado grupo, suas tradições e hábitos da vida cotidiana. A produção geralmente é de origem familiar ou comunitária, sendo transmitida de geração e em geração;

4. artesanato cultural: resgata os elementos culturais e tradicionais da região onde são produzidos. Os produtos são resultado de uma intervenção planejada, com o objetivo de os diversificar, dinamizar a produção, agregar valor e otimizar custos, preservando os traços culturais, adaptando-os às exigências do mercado e às necessidades do comprador;

5. artesanato contemporâneo conceitual: criado por pessoas com alguma formação artística, em nível educacional e cultural mais elevado, resultante da afirmação de um estilo de vida ou afinidade cultural. A inovação é o elemento principal que o distingue das demais classificações.

Diante destas diversas tipologias, percebe-se que a maioria possui uma relação intrínseca com a identidade cultural, a valorização dos costumes, da tradição e memória, com a utilização de técnicas e processos tradicionais, o que diferencia as regiões produtoras de artesanato. (ANDRADE, 2015).

Portanto, verifica-se que o artesanato agrega maior valor à identidade de uma comunidade, sendo que o desenvolvimento do artesanato, além de ser uma manifestação cultural, contribui para o desenvolvimento de pequenos municípios. (FALCÃO, 2008). Assim o artesanato, além de incentivar a preservação da cultura local, gera recursos para os artesãos; promove a melhoria da qualidade de vida, amplia a geração de renda e postos de trabalho, beneficiando a todos os envolvidos no processo, quando realizado de maneira adequada às necessidades da comunidade envolvida.

Para a realização desta pesquisa, observou-se que há diversos tipos de artesanato, sendo que os mais presentes são: com palha de milho e trigo; crochê, tricô e macramê. E, para melhor compreensão do tema, os próximos itens explanarão cada um deles.

3.3.1 Palha de milho e trigo

O artesanato realizado em palha de milho e trigo origina cestas, descansos para panelas, bonecos, chapéus, entre outros artefatos, que podem ser utilizados como itens de decoração e/ou de uso cotidiano nos lares.

O ofício, na maioria dos casos, é transmitido de geração a geração, ou em rodas de conversas, que culminam com a criação de peças. Existem cursos oferecidos pela Emater e por iniciativas públicas, que procuram promover a continuidade do trabalho; no entanto, a maior parcela de artesãs aprendeu o ofício com pessoas próximas. (PRUDENCIO, 2012).

Para a realização do artesanato de palha de milho, primeiramente é necessário ter uma palha com qualidade, à qual se aplica uma fervura, para remoção das impurezas e, quando a mesma estiver seca, é cortada no tamanho necessário e começa a ser trançada a palha, formando tranças, que serão unidas, originando chapéus, cestas e outros artefatos. (FANTIN; MECCA; 2017). Já com relação à palha de trigo, esta não precisa passar pelo processo de fervura, iniciando pelo corte da palha no tamanho desejado e após inicia-se a trança, para se formar o artefato.

Diversos são os produtos originados através dessas palhas: a Figura 4 retrata as flores em palha de milho e as cestas, também chamadas de *sportas* em palha de trigo.

Figura 4 – Artesanato em palha de milho e trigo



Fonte: Casa do Artesão (2018).

Visualizam-se, nas peças expostas na Figura 4, os variados produtos originados através da palha, que podem ser utilizados como objetos de decoração, como presente e também no uso pessoal, como é o caso dos chapéus e das cestas.

Além destes artefatos, outros, como cestas para pães, descansos para panelas, pequenos enfeites, podem ser confeccionados através da mesma técnica, alterando somente o design.

3.3.2 Crochê e tricô

A origem do crochê e o tricô é incerta. Não existem fontes concretas que definam onde e como iniciaram estas atividades. Algumas fontes remontam o tricô aos primórdios da humanidade, em sua necessidade básica de aquecer-se, sendo definido como uma rede fechada, sem nós, elaborado com fios, através do movimento das agulhas para tramá-los. Já o crochê deriva da palavra francesa *crochet*, que significa gancho. Algumas fontes apontam que sua origem seria a Arábia, espalhando-se para a Europa. Outras fontes afirmam que o crochê se originou na América do Sul. Também a China aparece como um dos prováveis locais de origem, por isso não há uma evidência correta da idade e do local de sua criação. (BRAUN, 2013).

Assim como os artefatos de palha de milho e trigo, o crochê e o tricô realizados pelas artesãs, para a Casa do Artesão de Antônio Prado, são transmitidos de geração a geração, ou entre rodas de amigas, que originam as peças. A Figura 5 retrata uma toalha com a aplicação de crochê em sua borda.

Figura 5 – Artesanato em crochê



Fonte: Casa do Artesão (2018).

Ambos os trabalhos são realizados com fios trançados, com o auxílio de agulhas; o modelo é decorrente da espessura do fio, do ponto utilizado e da técnica empenhada.

3.3.3 Macramê

Acredita-se que a técnica do macramê originou-se no “Oriente Médio, quando os guerreiros do Século IX A.C usavam roupas com trançado rígido ou franjas atadas.”

(MOTTIN; SILVA, 2014, p.1). O macramê espalhou-se pela Europa e era tido como uma atividade de lazer, ou de necessidade nas amarrações dos utensílios marítimos. Na Turquia, a palavra *Makrama* significa nó, originando a palavra macramê, que compreende trabalhar o fio com pequenos nós, originando o bordado. (MOTTIN; SILVA, 2014).

O macramê consiste em uma técnica simples, em que se ligam quatro fios, presos em uma toalha, através de nós que formam o desenho desejado; a Figura 6 retrata uma toalha bordada com macramê.

Figura 6 – Toalha com macramê



Fonte: Casa do Artesão (2018).

Na Figura 6, percebe-se que o macramê procura criar desenhos com os fios, trabalhando-os para que fiquem com simetria entre si. Além de sua utilização em toalhas, o macramê pode ser utilizado em roupas e em cortinas.

Assim, visualiza-se que, nos diversos artesanatos apresentados, permeiam características semelhantes, sendo elas: predominância da criação manual, matéria-prima local, emprego de técnicas antigas, que permanecem com o tempo, além do zelo e cuidado com que as peças são confeccionadas.

Dando continuidade à pesquisa, o próximo item aborda os indicadores de sustentabilidade e sua relação com o turismo.

3.4 INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE

Diante dos complexos problemas do desenvolvimento sustentável, sistemas interligados, indicadores inter-relacionados ou a agregação de diferentes indicadores se tornam necessários para a avaliação da realidade existente. (VAN BELLEN, 2006).

O termo *indicador*, de acordo com Graymore (2005), deriva do latim *indicare*, e remete ao significado de anunciar, e tornar-se de conhecimento público, algo a apontar. Um indicador serve para que as informações sobre fenômenos sejam simplificadas, sendo mais compreensíveis e quantificáveis. (SANCHES; SCHMIDT, 2016).

Segundo Hanai (2009), os indicadores apontam as características relevantes de um sistema e clarificam as complexas relações entre as diferentes variáveis de um estudo específico, tornando-o visível para comunicar as suas informações; sendo assim, é um instrumento útil de análise objetiva sobre um fenômeno.

Após determinadas as variáveis, é possível que as decisões sejam mais eficazes, já que possibilitam aos gestores, ao Poder Público e aos membros da comunidade, a ordenação das informações de modo claro, o que permite a evidenciação das metas, para o alcance dos objetivos da sustentabilidade. Proporcionam, também, a compreensão sistemática do processo de construção do desenvolvimento, envolvendo deste os aspectos sociais, econômicos, políticos, até os institucionais. (CÂNDIDO, 2004).

Ressalta-se que os indicadores já existentes podem sofrer adaptações devido à participação dos atores sociais locais, pois estes são os maiores conhecedores da realidade local. (SANTOS, 2013). Existe a necessidade de adaptar os indicadores de sustentabilidade às escolhas, aspirações e aos projetos específicos de cada comunidade, dando-lhes a possibilidade de influenciar na definição do que entendem por sustentabilidade, considerando as diferentes histórias, necessidades e realidades de cada território e sua diversidade cultural, social, econômica e ecológica. (GALLOPIN, 2003).

De acordo com Van Bellen (2006), os sistemas de indicadores mais reconhecidos são: Pegada Ecológica (*Ecological Footprint Method*), desenvolvida por *Wackernagel and Rees*; o Painel da Sustentabilidade (*Dashboard of Sustainability*), desenvolvido pelo Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável e o Barômetro da Sustentabilidade (*Barometer of Sustainability*), desenvolvido por

diversos especialistas ligados ao Instituto *World Conservation Union* (IUCN). Além destes, outros estudos têm sido realizados no sentido de construir Sistemas de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável do Turismo, quer por parte de organizações ligadas ao turismo, quer por universidades ou entidades governamentais e empresariais. O Quadro 2 revela alguns sistemas de indicadores de desenvolvimento sustentável do turismo.

Quadro 2 - Sistemas de indicadores de desenvolvimento sustentável do turismo (continua)

Ano	Instituição/autor	Descrição
1995-1996	Organização Mundial do Turismo (OMT)	Publicou o primeiro guia prático sobre Indicadores de Sustentabilidade do Turismo.
1998	Cadeia Hoteleira de Âmbito Mundial (ACCOR)	Realizou-se um trabalho concreto e prático no sentido de dotar os hotéis de indicadores ambientais, que permitissem descrever a sua situação e compará-la com a dos outros.
2001	Agência Americana para a Proteção do Ambiente (EPA)	Estabeleceu um método de construção de indicadores que medissem o impacto econômico e ambiental de vários subsectores do turismo.
2002	Ministério do Ambiente da Espanha	Reuniu especialistas para discutir assuntos relacionados com o impacto, responsabilidade do setor do turismo, grau de reversibilidade e extensão do impacto, tendo produzido indicadores ambientais relacionados com o turismo, em nível nacional e para zonas específicas com peso significativo no setor do turismo.
2004	World Tourism Organization (WTO)	Volta a publicar um guia sobre <i>indicadores de sustentabilidade do turismo, intitulado: Indicators of sustainable development for tourism destinations: a guidebook</i> , que contou com a colaboração de cerca de 60 autores de 20 países, criando uma rede de especialistas na matéria, em nível mundial.
2005	OMTur	Recomenda 12 indicadores principais para avaliar a sustentabilidade do turismo, quais sejam: satisfação local com o turismo; efeitos do turismo nas comunidades; satisfação sustentável do turista; sazonalidade do turismo; benefícios econômicos do turismo; gerenciamento da energia; disponibilidade e consumo de água, etc.
2006	Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Turismo da Macaronésia (ELAVAI et al., 2006)	Este estudo foi resultado de um projeto conjunto entre os Institutos de Estatística dos Açores, da Madeira e das Canárias, cujo objetivo foi desenvolver um Sistema de Indicadores Estatísticos do Turismo, através do qual se possa medir e acompanhar a evolução da sustentabilidade do turismo em cada uma das regiões. Foram selecionados 36 indicadores distribuídos nas dimensões: econômica, atividade turística, sociedade e cultura, meio ambiente e institucional.
2007	Estudos da Competitividade e as Propostas de Indicadores do Ministério do Turismo	Este estudo tem por objetivo propor um conjunto de indicadores de sustentabilidade para os diversos tipos de turismo, que podem ser utilizados em diferentes regiões. Tem como fragilidade a ausência de critérios de seleção e de análises, como também não define parâmetros para as análises.

(conclusão)		
2009	Hanai (2009)	O estudo elaborou, a partir de uma abordagem participativa, um conjunto de indicadores para o turismo distribuído nas seguintes dimensões: ambiental, social, cultural, turística, institucional e econômica. Cada um desses indicadores apresenta os métodos de análise e ponderação.
2010	Falcão (2010)	Este estudo tem por objetivo ampliar e discutir o TALC adequando tal modelo teórico às dimensões da sustentabilidade, verificando a aplicação dessa adequação no Arquipélago de Fernando de Noronha. A sustentabilidade foi analisada a partir de seis dimensões: social, econômica, cultural, ecológica, espacial e política.
2010	Ruschmann (2010)	Apresenta 98 indicadores de sustentabilidade, considerando-se os componentes ambiental, social e econômico, aplicados a diversas unidades de conservação no Brasil.
2015	ONU	Apresenta 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável a serem implementados por todos os países do mundo até 2030.

Fonte: Adaptado de Santos (2013).

Através dos sistemas de indicadores, é possível obter informações sobre a situação real do desenvolvimento turístico em uma localidade, o qual deverá auxiliar no processo de tomada de decisão dos diversos atores envolvidos na atividade. Ressalta-se que é necessário realizar adaptações no sistema de indicadores, de acordo com as peculiaridades e características do local de pesquisa. (SANTOS, 2013).

Em face do exposto, verifica-se que há uma significativa quantidade de sistemas de indicadores, porém, em razão do recorte geográfico ser direcionado para países e estados, surge uma carência em relação aos estudos de indicadores e índices que considerem dimensões territoriais e escalas menores de avaliação da sustentabilidade, como, por exemplo, a municipal. (REZENDE; FAGUNDES, 2017).

Ao se analisarem os sistemas de indicadores do turismo, apresentados no Quadro 2, avalia-se que a maioria destes modelos não compreende todas as dimensões da sustentabilidade, são incompletos por não vincularem parâmetros e critérios para análise e não apresentarem a participação dos atores locais. (SANTOS, 2013).

Verifica-se que criar um sistema de indicadores, para analisar o desenvolvimento do turismo, é um desafio, devido à complexidade da atividade e à sua relação com vários outros campos do saber, na busca de abranger todas as dimensões que possam sofrer impactos pelo turismo, assim como analisar as

limitações que esses indicadores poderão ter, em virtude de realidades próprias de cada local e da participação dos atores locais. (LACERDA, 2011).

A partir do que foi apresentado, este estudo selecionou o SISDTur proposto por Hanai (2009), por este envolver as dimensões da sustentabilidade, com indicadores e parâmetros específicos de medição, além de sua construção ter a participação dos atores locais, aspectos importantes que o diferenciam dos demais sistemas de indicadores apresentados. O Quadro 3 apresenta as dimensões abordadas pelo SISDTur.

Quadro 3 – Dimensões do SISDTur

Dimensão	Descritor
Ambiental	A preocupação ambiental, com relação aos impactos do turismo sobre o meio ambiente, está cada vez mais presente, já que a atividade turística utiliza o meio ambiente como sua “matéria-prima”. Desta forma, esta dimensão tem por objetivo fazer um diagnóstico sobre a relação turismo – meio ambiente e o que vem sendo feito para o alcance do turismo sustentável.
Cultural	A atividade turística provoca a troca de saberes e de cultura, e disso decorre a necessidade de avaliar em que medida a afluência turística exerce maior ou menor pressão sobre os destinos turísticos e de que forma os residentes desses mesmos destinos encaram o desenvolvimento da atividade turística nas suas próprias regiões.
Social	A dimensão visa a analisar como o turismo tem contribuído, ou não, para a inserção socioeconômica dos residentes, bem como se estes estão satisfeitos com o turismo, e o que o governo tem feito para contribuir nesse sentido.
Econômica	Esta dimensão visa a caracterizar os impactos econômicos do turismo, desde sua estrutura econômica e as interdependências entre os diferentes setores na economia local.
Turística	Esta dimensão tem por objetivo analisar o que tem sido desenvolvido para agradar o turista, considerando que este é o principal cliente do turismo; além disso, identificar as ações do turista que podem comprometer a atividade, bem como a sustentabilidade da mesma.
Institucional	Tem por objetivo avaliar o esforço realizado pelos agentes públicos no planejamento estratégico do turismo. Refere-se ao número de planos, programas e normas sobre turismo e sustentabilidade. O papel do Poder Público na organização e no planejamento da atividade turística representa elemento fundamental para o desenvolvimento do setor. A sua gestão deve ter como objetivo a integração econômica, social e ambiental por meio da elaboração de políticas públicas.

Fonte: Adaptado de Hanai (2009).

O SISDTur é composto por vários indicadores, e sua análise permite a obtenção de um diagnóstico da sustentabilidade do turismo. Ressalta-se que foram utilizados nesta pesquisa três indicadores: econômicos, sociais e institucionais.

Para cada dimensão-objeto deste estudo, são elencados seus descritores e seus respectivos indicadores, conforme se observa no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – SISDTur: descritores e indicadores

(continua)

ECONÔMICA	Rentabilidade	Renda gerada pelo turismo
	Longevidade do estabelecimento turístico	Longevidade do estabelecimento turístico
	Disponibilidade de funcionamento de estabelecimento turístico	Funcionamento nos finais de semana e feriados dos estabelecimentos turísticos
	Novos estabelecimentos turísticos	Novos estabelecimentos, empreendimentos e produtos turísticos num período
	Gastos do turista	Gasto médio diário de turistas
	Investimento em turismo	Investimentos anuais em turismo
	Sazonalidade turística	Iniciativas de minimização da sazonalidade turística
SOCIAL	Inserção de residentes locais (origem local), no setor turístico	Residentes locais empregados no estabelecimento turístico no município
		Proprietários e empresários turísticos de origem local
		Iniciativas de capacitação e treinamento profissional aos funcionários residentes locais num período
		Funcionários residentes locais com capacitação em turismo.
	Empregabilidade em turismo	Empregos fixos e temporários de turismo
	Satisfação dos residentes locais	Proporção entre turistas e residentes em alta e baixa temporada.
		Satisfação/aceitação dos residentes em relação ao turismo.
Programas de projetos sociais envolvendo residentes locais e articulados com o desenvolvimento turístico.		
INSTITUCIONAL	Capacitação e apoio técnico em turismo	Capacitação e apoio técnico em turismo.
	Envolvimento de administradores e empreendedores com o setor turístico	Participação dos empreendedores e/ou gestores administrativos no setor turístico local.
	Promoção e comercialização de produtos turísticos	Estratégias de promoção e comercialização dos produtos turísticos.
	Participação social no processo de desenvolvimento turístico	Participação social no processo de desenvolvimento turístico.
	Comunicação social de decisões e resultados do setor turístico	Mecanismos de comunicação dos resultados de decisões sobre o desenvolvimento turístico e dos relatórios de avaliação turística, obtidos pela aplicação do SISDTur.

(conclusão)

	Planejamento do turismo no município	Plano Municipal de Turismo.
	Conscientização do turismo sustentável	Programas de educação e conscientização sobre turismo sustentável.
	Articulação e integração do planejamento turístico a outros setores municipais	Integração do planejamento territorial e dos planos de gestão ambiental com o desenvolvimento turístico.
	Planejamento do turismo regional	Integração entre a planificação do desenvolvimento turístico com o processo de planejamento regional de turismo.
	Organização social do desenvolvimento turístico	Organismos sociais, associações e entidades de classe de turismo (guias, hotéis, restaurantes, agências), atuantes nos processos decisórios de desenvolvimento turístico.
	Capacidade de gestão turística municipal	Estruturas organizacionais e administrativas específicas em turismo.
	Capacidade de monitoramento do turismo sustentável	Equipe de aplicação do SISDTur.

Fonte: Adaptado de Hanai (2009).

A aplicação do SISDTur, conforme Hanai (2009, p. 392), possibilitará:

- * monitoramento contínuo do processo de desenvolvimento do turismo local, com maior facilidade e efetividade;
- * maior compromisso e responsabilidade pelo monitoramento;
- * maior expectativa de aplicação das ações direcionadas ao desenvolvimento sustentável do turismo.

Percebe-se que o SISDTur se adapta aos requisitos de um sistema de indicadores de sustentabilidade da atividade turística em nível local, sem renunciar ao caráter holístico de desenvolvimento sustentável, nem à transversalidade do turismo. (HANAI, 2009).

Assim, o próximo capítulo aborda os procedimentos metodológicos utilizados para a concretização dos objetivos propostos, no sentido de demonstrar como foram desenvolvidas as conclusões da pesquisa.

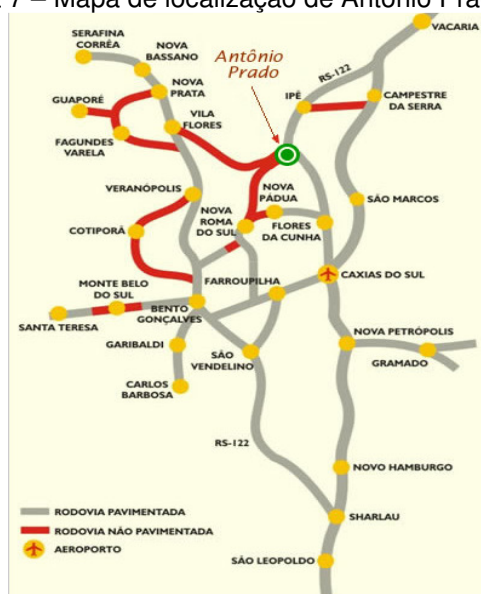
4 METODOLOGIA

Este capítulo destina-se à contextualização e caracterização do artesanato de Antônio Prado e dos procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Inicialmente, tem-se a contextualização da cidade de Antônio Prado e de seu artesanato, seguida da apresentação do sistema de indicadores de sustentabilidade do desenvolvimento do turismo (SISDTur), criação de Hanai (2009), que serviu de base para a realização deste estudo; logo após, apresenta-se o delineamento da pesquisa, sucedido pela proposta de adaptação do SISDTur. Após estas definições, aborda-se o procedimento de coleta e tratamento dos dados coletados para a geração de informações, que possam indicar a sustentabilidade, no artesanato comercializado pela Casa do Artesão de Antônio Prado – RS.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CIDADE DE ANTÔNIO PRADO – RS

O município de Antônio Prado está localizado na Serra gaúcha, a 55 km de Caxias do Sul e 185 km de Porto Alegre (Prefeitura Municipal de Antônio Prado – RS, 2016). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Antônio Prado – RS possuía, em 2015, 13.285 habitantes. A Figura 7 apresenta o mapa de localização de Antônio Prado.

Figura 7 – Mapa de localização de Antônio Prado – RS



Fonte: Prefeitura Municipal de Antônio Prado – RS.

Antônio Prado integra a microrregião denominada Rota Turística Uva e Vinho, que compreende cidades como Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Carlos Barbosa, entre outras cidades de origem itálica.

Antônio Prado foi fundada em 14 de maio de 1886, e sua colonização foi realizada por imigrantes italianos, que deixaram marcas na arquitetura e na cultura da cidade. Atualmente, Antônio Prado possui 48 casas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1989.

O tombamento, segundo o Iphan (2016), “[...]é o mais tradicional dos instrumentos de reconhecimento e proteção do patrimônio nacional [...]”; assim, as casas tombadas de Antônio Prado asseguram a continuidade da história e da cultura da cidade e da região com o passar dos anos.

Antônio Prado valoriza o patrimônio arquitetônico e também a cultura popular, através das manifestações culturais do município, dos grupos folclóricos, do dialeto, da gastronomia e do artesanato. Alinhadas a isso, promove as festas: Noite Italiana e Fenamassa. (PREFEITURA DE ANTÔNIO PRADO, 2016).

A Noite Italiana é realizada anualmente em agosto, tendo como objetivo remeter a alegria e a fartura dos imigrantes italianos, através da gastronomia, música e diversão ao som de vários grupos musicais. Sua promoção ocorre pela Câmara de Dirigentes Lojistas da cidade (CDL).

Já a Fenamassa ocorre a cada dois anos, em outubro, no Centro Histórico de Antônio Prado, procurando valorizar a cultura e o patrimônio da cidade, tendo como tema central a gastronomia típica da região italiana e as inovações da culinária contemporânea, oferecendo aos seus participantes, atrações culturais, oficinas, passeios, exposições, museu da massa, entre outras atividades.

Antônio Prado também possui o título de *Slow City* – cidade do bem viver – conquistado em 19 de novembro de 2001, demonstrando sua preocupação com o desenvolvimento urbano sustentável, a qualidade de vida e bem-estar da população, em que o crescimento acontece, sem que a identidade local se perca. (PREFEITURA DE ANTÔNIO PRADO, 2016).

4.1.1 O artesanato em Antônio Prado

Em Antônio Prado, o turista encontra *La Nostra Arte* – Associação dos Artesão de Antônio Prado –, fundada em 1º de setembro de 2000, em que seus associados produzem peças em crochê, macramê, bainha aberta, frivoletê, palha de trigo e milho, remetendo aos costumes italianos.

A Casa do Artesão está localizada no centro histórico da cidade, na casa tombada ZANELLA, de Luciano Zanella, com a data de construção entre 1919 e 1920. Segundo o *site* da Prefeitura Municipal de Antônio Prado, em 1918, Luciano adquiriu um terreno, onde construiu a casa totalmente de madeira.

Após alguns anos, vendeu a casa para Misael Borges Duarte que, em seguida, a vendeu novamente. Em 1925, a família que então era proprietária instalou um café na parte térrea da casa. O grande movimento era registrado aos domingos. Além do pão com bucho, prato tradicional do local, o rádio era atração, colocado sobre uma cadeira em frente ao estabelecimento, tocando músicas e atraindo a atenção das pessoas. (PREFEITURA DE ANTÔNIO PRADO, 2016)

A casa serviu como pronto socorro durante a Revolução de 1923, para atendimento dos feridos, além de outros fins nesses anos de existência. A Figura 8 ilustra a Casa do Artesão de Antônio Prado.

Figura 8 – Casa do Artesão – La Nostra Arte



Fonte: Prefeitura Municipal de Antônio Prado (2017).

Dentre os diversos artefatos comercializados na casa, a Figura 9 retrata dois deles, o frivoletê e o ponto cruz, confeccionados por artesãs da cidade.

Figura 9 – Frivoletê e ponto cruz



Fonte: Prefeitura Municipal de Antônio Prado (2017).

Na *La Nostra Arte* também são comercializados alimentos, como geleias, biscoitos e massas, além dos vinhos e sucos produzidos no município. Os artesãos da *La Nostra Arte* também costumam participar de feiras e exposições, onde vendem seus produtos e divulgam a cidade.

4.2 SISTEMA DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO (SISDTUR)

Os sistemas de indicadores de sustentabilidade são ferramentas que procuram avaliar o desenvolvimento sustentável de um dado espaço territorial ou de uma dada atividade econômica. (SILVA; CÂNDIDO, 2016). Para Van Bellen (2006), o objetivo principal dos indicadores é o de agregar e qualificar informações de maneira que sua significância fique mais aparente. Para o autor, os indicadores simplificam as informações sobre fenômenos complexos, melhorando o processo de comunicação e gestão.

Dentre os autores que abordam indicadores de sustentabilidade do turismo, optou-se, nesta pesquisa, por utilizar o modelo proposto por Hanai (2009), tendo em vista a participação da comunidade local na análise dos indicadores, e por apresentar

indicadores, parâmetros e critérios de análise para verificação da sustentabilidade existente.

A utilização de um sistema de indicadores, pode ser fator determinante no processo de desenvolvimento sustentável do turismo, pois, através das informações geradas, da mobilização que cria (associações e envolvimento setorial) e das ações promovidas, é possível realizar um planejamento integrado com a comunidade, que busque o bem-estar de todos os envolvidos. (HANAI, 2009).

Diante deste cenário, Hanai (2009) propôs um sistema de indicadores de sustentabilidade denominado Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo (SISDTur), tendo em vista a melhora das condições de vida dos moradores locais, decorrente da inserção do turismo de modo planejado no destino.

O processo de desenvolvimento do SISDTur envolveu: a contextualização do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade aplicada ao turismo; a análise das condições atuais do desenvolvimento turístico na região; a elaboração e a aplicação do programa de sensibilização turística; a abordagem conceitual e tipológica de indicadores, assim como as iniciativas, os sistemas e os modelos de indicadores do turismo sustentável, levantados e obtidos, a partir de estudos de casos; o processo de seleção e definição de indicadores de sustentabilidade, por meio da abordagem participativa da sociedade local de Bueno Brandão – MG, levando em consideração visões de outros grupos envolvidos na pesquisa (turismólogos e graduandos de Engenharia Ambiental); e a elaboração e proposição do SISDTur, configurando-o como um instrumento metodológico prático, útil e exequível, para subsidiar o processo de desenvolvimento, a gestão e o monitoramento do turismo na região, consonante com os princípios de sustentabilidade. (HANAI, 2009).

O SISDTur compreende dois conjuntos de indicadores: indicadores de sustentabilidade em estabelecimentos turísticos e espaços de visitação, e indicadores de sustentabilidade da gestão turística municipal, com descritores, indicadores, parâmetros, procedimentos técnicos, diretrizes e orientações para a identificação e obtenção de informações e dados sobre o turismo, distribuídos nas seis dimensões de sustentabilidade: ambiental, social, cultural, econômica, turística e institucional.

Houveram duas pesquisas que foram norteadas pela metodologia de Hanai (2009), para analisar a sustentabilidade existente nos locais de realização destas pesquisas. A primeira delas, foi realizada por Cicero de Souza Lacerda, e intitula-se

Sistema de indicadores de sustentabilidade para atividade turística: uma proposta metodológica participativa aplicada no município do Conde/PB, e teve como objetivo a análise da sustentabilidade da atividade turística no município do Conde/PB, através da aplicação de uma metodologia democrática e participativa, envolvendo um conjunto de atores sociais com diversos vínculos com a atividade turística. Como resultados, as dimensões econômica e institucional apresentaram desenvolvimento sustentável, enquanto que as dimensões ambiental, cultural, social e turística apresentaram uma situação desfavorável. Assim apontou-se a necessidade de alternativas de investimentos e desenvolvimento de políticas públicas, que promovam ações de melhoria nestas dimensões.

A outra pesquisa, foi realizada por Jaqueline Guimarães Santos, intitulada: Sistema de indicadores de sustentabilidade para o turismo: aplicação de uma abordagem participativa em Porto de Galinhas/PE, com o objetivo de analisar o nível de sustentabilidade das atividades turísticas desenvolvidas em Porto de Galinhas/PE, a partir da aplicação de uma abordagem participativa entre os principais atores sociais envolvidos com tais atividades. Como resultados encontrados, as dimensões: ambiental, social, cultural, econômica, turística e institucional apresentaram-se desfavoráveis a sustentabilidade, com indicadores insustentáveis.

Desta maneira, percebe-se como a metodologia de Hanai (2009) possibilita a investigação da sustentabilidade existente em uma localidade, auxiliando a tomada de decisões e a gestão sustentável da atividade turística, através da participação da comunidade e do monitoramento constante de sua evolução.

4.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, como um estudo de caso único, com o objetivo de verificar a sustentabilidade do artesanato, em relação às dimensões: econômica, social e institucional.

Como estudo de caso, segundo Gil (2002), se entende uma pesquisa aprofundada sobre determinado tema, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Já segundo Rodrigues (2007), o estudo de caso busca pela riqueza de detalhes, podendo originar novas pesquisas afins, e Martins (2008) afirma que o estudo de caso representa uma situação da vida real, em que a análise-síntese dos

achados pode surpreender, mostrando novos meios que não haviam sido estudados anteriormente.

Este trabalho, em relação aos objetivos, tem natureza descritiva, sendo definido por Köche (2012) como o estudo de variáveis de um fenômeno sem, contudo, manipulá-las, e Martins (2008, p. 29) afirma que o estudo descritivo “[...] apresenta informações, dados, inventários de elementos constitutivos ou contíguos ao objeto, dizendo o que ele é, do que se compõe, em que lugar está localizado no tempo e no espaço, [...]”. Tem como objetivo, segundo Reis:

Identificar, relatar e descrever características de determinada população ou fenômeno.

Comparar o estabelecimento de relações entre as variáveis de determinado fenômeno ou população.

Estabelecer a inter-relação entre os fenômenos e a população (grupo social), usando as variáveis.

Descobrir a frequência com que os fatos acontecem no contexto pesquisado. (2008, p. 56).

Em relação à forma de abordagem do problema, analisou-se os dados quantitativa e qualitativamente. Sob o enfoque quantitativo, Rodrigues (2007) afirma que a pesquisa quantitativa utiliza a lógica matemática para efetuar seus estudos, podendo segundo Martins (2008), mensurar ou medir variáveis. Conforme Reis (2008, p. 58), tem “[...] o intuito de garantir resultados e evitar distorções de análise e de interpretação, traduzindo em números as informações analisadas e dados coletados.”

E sobre a análise qualitativa, segundo Rodrigues (2007), pondera, analisa e interpreta os dados, sendo conduzido pela lógica. Suas principais características, de acordo com Mascarenhas, são:

Os dados são levantados e analisados ao mesmo tempo.

Os estudos são descritivos, voltados para a compreensão do objeto.

A influência do pesquisador sobre a pesquisa não é evitada; muito pelo contrário, é considerada fundamental. (2012, p. 46).

Reis (2008) afirma que, na análise qualitativa, os resultados não são transformados em números, tendo por objetivos interpretar, descrever e analisar.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário, aplicado para 29 pessoas, divididos em três grupos distintos: os artesãos, que possuem a carteira do

artesão e são registrados no programa Artesanato Gaúcho; aos presidentes das sociedades civis: Casa do artesão, Câmara de Indústria e Comércio de Antônio Prado e Câmara de Dirigentes Lojistas de Antônio Prado e a tesoureira da Casa do Artesão, e com relação ao poder público foi aplicado a: turismóloga, à secretária de Turismo, ao secretário da Fazenda e da Administração. O questionário contou com perguntas fechadas que, segundo Barros e Lehfeld (2007, p. 106), “são aquelas questões que apresentam categorias ou alternativas de respostas fixas”, já as perguntas abertas “são aquelas que levam o informante a responder livremente com frases ou orações”.

O questionário foi elaborado com base na metodologia do SISDTur proposta por Hanai (2009), sendo que, para melhor operacionalização da metodologia, foi necessário adaptá-lo ao SISDTur, conforme a realidade do artesanato desenvolvido em Antônio Prado. Estas alterações são explicadas na proposta de adaptação do SISDTur.

4.4 PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO DO SISDTUR

Este capítulo apresenta as adaptações realizadas na proposta de Hanai (2009) para a realização da pesquisa. Como a pesquisa teve por base o SISDTur, foi realizada uma análise dos descritores e dos indicadores propostos por ele, para a compreensão de cada um e, assim, a aplicação adequada no artesanato de Antônio Prado – RS.

Hanai (2009) propôs indicadores para a gestão pública e para os estabelecimentos turísticos e espaços de visitação, sendo que a maioria deles é comum para ambos, havendo uma pequena quantidade de indicadores que aparecem em apenas um dos dois grupos; em virtude disso, os indicadores aplicados foram agrupados, em um mesmo descritor.

Alguns parâmetros de medição sofreram adequações, assim como foram elaborados alguns novos, para que fossem condizentes com a realidade encontrada no artesanato de Antônio Prado. Os Quadros 5, 6 e 7 apresentam os descritores, os objetivos, os indicadores e os parâmetros de medição propostos.

Quadro 5 – Dimensão econômica

Descritor	Objetivo	Indicadores	Parâmetros de medição
Rentabilidade	Indicar a evolução dos níveis de rentabilidade do turismo	Renda gerada pelo turismo	Montante da renda produzida pelo turismo e % relativo ao total
Longevidade do Estabelecimento turístico	Identificar o tempo de permanência e atuação do estabelecimento turístico	Longevidade do estabelecimento turístico	Idade do estabelecimento turístico
Disponibilidade de funcionamento	Identificar a disponibilidade de funcionamento do estabelecimento turístico	Funcionamento do estabelecimento turístico	Funcionamento dos estabelecimentos turísticos, nos finais de semana e feriados
Gastos do turista	Identificar o montante de gasto pelos turistas no estabelecimento	Gasto médio diário de turistas	Valor de gastos médios diários totais dos turistas, no estabelecimento turístico
Investimento em turismo	Identificar a quantidade de investimentos feitos em turismo	Investimento anual em turismo	Valor anual investido em turismo e percentual relativo ao total
Sazonalidade turística	Identificar iniciativas que lidem com a sazonalidade turística	Iniciativas de minimização da sazonalidade turística	Existência de iniciativas que lidem com a sazonalidade turística

Fonte: Adaptado de Hanai (2009).

O Quadro 5 demonstra que a dimensão econômica está relacionada com a geração de recursos através do turismo, sua sazonalidade, os investimentos realizados, os gastos do turista e a rentabilidade ocorrida. Estes itens compõem a sustentabilidade econômica e foram analisados, para a verificação da sustentabilidade existente no artesanato.

Quadro 6 – Dimensão social

(continua)

Descritor	Objetivo	Indicadores	Parâmetros de medição
Inserção de residentes locais (origem local) no setor turístico	Identificar o grau de inserção de residentes locais no setor turístico, e as iniciativas de capacitação turística	Iniciativas de capacitação e treinamento profissional aos funcionários locais num período	Existência de cursos e capacitações turísticas
		Funcionários locais com capacitação em turismo	Existência de funcionários com capacitação em turismo
Empregabilidade em turismo	Identificar a evolução de empregos no setor turístico	Empregos fixos e temporários do setor turístico	Aumento do número de empregos na última década

(conclusão)			
Satisfação dos residentes locais	Identificar o grau de satisfação dos residentes locais com o turismo e os programas sociais, envolvendo residentes locais articulados com o turismo	Satisfação/aceitação dos residentes, em relação ao turismo.	Grau de satisfação/aceitação do turismo.
		Programas e projetos sociais envolvendo residentes locais e articulados com o desenvolvimento turístico	Existência de planos, programas e projetos sociais envolvendo residentes locais e articulados com o desenvolvimento turístico

Fonte: Adaptado de Hanai (2009).

A dimensão social abrange a interação da população com o turismo, para verificar se a sustentabilidade ocorre em níveis satisfatórios ou não. Então, auxiliará a traçar metas e incluir a população de maneira saudável ao planejamento e às atividades turísticas.

Quadro 7 – Dimensão institucional

Descritor	Objetivo	Indicadores	Parâmetros de medição
Capacitação e apoio técnico em turismo	Identificar a busca de capacitação e de apoio técnico específico em turismo	Capacitação e apoio técnico específico em turismo	Existência de capacitação específica em turismo ou de apoio técnico-administrativo para administração do estabelecimento turístico
Envolvimento de administradores e empreendedores com o setor turístico	Identificar a participação e o envolvimento dos empreendedores e administradores no setor turístico local	Participação dos empreendedores e/ou gestores administrativos no setor turístico local	Participação dos empreendedores e/ou gestores administrativos do estabelecimento turístico em associação, entidades de classe e em eventos decisórios sobre o desenvolvimento turístico no município
Investimentos em turismo	Identificar as possíveis fontes de créditos em investimentos em turismo	Linhas de crédito disponíveis específicas de turismo para investimentos	Existência de linhas de crédito disponíveis específicas de turismo para investimentos
Promoção e comercialização de produtos turísticos	Identificar as estratégias de promoção e comercialização dos produtos turísticos.	Estratégias de promoção e comercialização dos produtos turísticos.	Existência de estratégias de promoção e comercialização dos produtos turísticos.

Fonte: Adaptado de Hanai (2009).

A dimensão institucional procura elaborar políticas para o desenvolvimento do turismo na localidade. Através da verificação da existência das variáveis abordadas no Quadro 7, é possível verificar se existe sustentabilidade ou não e, assim, continuar ou alterar as metas existentes.

Conforme o exposto, nas dimensões econômica, social e institucional, percebe-se as diversas questões ligadas à promoção da sustentabilidade do artesanato; com relação a esta realidade, foram realizadas algumas alterações nos parâmetros de medição, originalmente propostos por Hanai (2009), para se adequarem ao critério de análise da realidade do artesanato em Antônio Prado. Também houve a reclassificação do descritor investimentos em turismo, originalmente na dimensão turística, para a dimensão institucional, por entender-se que a maioria dos aportes financeiros são contratados por linhas de investimento subsidiadas pelo governo.

Assim, após a compreensão dos indicadores contemplados na pesquisa, o próximo item aborda os procedimentos de coleta de dados para maior entendimento do tema proposto.

4.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

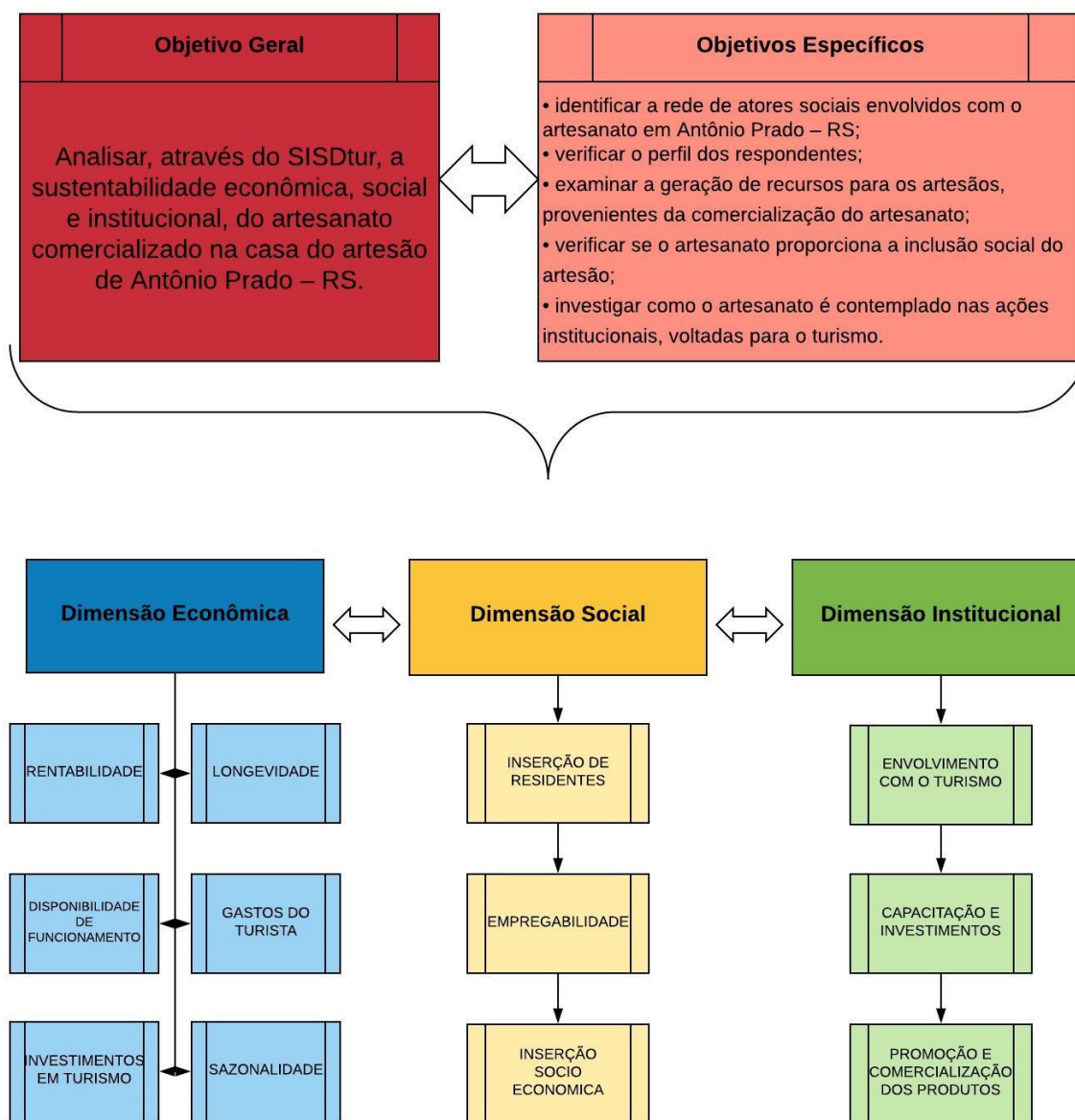
Após o levantamento do modelo de indicadores de sustentabilidade utilizado na pesquisa, foi elaborado o questionário com questões fechadas, formado por três dimensões e seus descritores, levando em consideração a realidade do artesanato em Antônio Prado e a participação dos atores sociais locais.

Os questionários foram aplicados pela própria pesquisadora, pessoalmente e por telefone. A coleta de dados foi realizada no mês de maio de 2018, e destinou-se para três grupos de respondentes: os artesãos, registrados no programa de Artesanato Gaúcho, e que comercializam seus produtos na Casa do Artesão, correspondendo a 21 respondentes, do total de 22 artesãos que atendiam aos requisitos determinados. Aos representantes da sociedade civil, com quatro questionários, aplicados aos presidentes das entidades de classe: Casa do artesão, Câmara de Indústria e Comércio e Câmara de Dirigentes Lojistas de Antônio Prado, além da Tesoureira da casa do artesão, e na dimensão institucional, obteve-se quatro questionários respondidos pela turismóloga da cidade, secretária de Turismo, secretário da Administração e secretário da Fazenda. Portanto, houveram 29 respondentes, sendo 21 artesãos, quatro da sociedade civil e quatro da dimensão institucional.

Destaca-se que o mesmo questionário foi aplicado para os três grupos, sem haver distinção entre eles. Nas questões destinadas somente aos artesãos, os demais grupos não as preencheram. Logo foi possível realizar a comparação entre os grupos.

Para melhor compreensão do procedimento de coleta de dados, a Figura 10 foi criada, tendo como objetivo a visualização holística de cada etapa da pesquisa e das interligações nela existentes.

Figura 10 – Visão holística da pesquisa



Fonte: Elaboração da autora (2018).

Conforme o exposto, a Figura 10 demonstra o objetivo geral, os objetivos específicos e como eles foram alcançados por meio das dimensões econômica, social

e institucional, aplicadas aos artesãos, à sociedade civil e ao Poder Público, para a verificação da sustentabilidade do artesanato na visão dos respondentes.

O instrumento para coleta de dados era composto por 30 questões de múltiplas escolhas (Apêndice A), dividido em duas partes: perfil do entrevistado e aspectos relacionados a cada dimensão da sustentabilidade, que apresenta relação com o artesanato de Antônio Prado, sendo elas: Dimensão Social, Econômica e Institucional.

O processamento dos dados foi efetuado conforme o preenchimento dos questionários, os quais, para maior controle e inspeção posterior da digitação dos dados, recebeu um código. Após a conferência dos dados, iniciou-se seu preparo, para transformá-los em informações e em análises estatísticas, para assim verificar os resultados encontrados.

Ressalta-se que o instrumento de coleta de dados foi submetido à análise de três especialistas professores-doutores de programas de pós-graduação da Universidade de Caxias do Sul. Posteriormente, procedeu-se à validação do questionário, que foi aplicado para quatro pessoas, com o objetivo de realizar um pré-teste do instrumento de coleta de dados, que conforme Aaker et al. (2004), permite aperfeiçoá-lo, por meio da eliminação de problemas e da correção de possíveis deficiências no instrumento de coleta de dados.

4.6 TRATAMENTO DOS DADOS

Para classificar as respostas das questões, levou-se em consideração o grau de discordância e concordância a respeito das afirmativas feitas sobre os indicadores de sustentabilidade, baseado na Escala de Likert,² que informa o grau de concordância ou discordância sobre determinada afirmação, atribuindo-lhe um número, que reflete o posicionamento do respondente. Geralmente, possui cinco níveis: discordo totalmente, discordo parcialmente, neutro (nem concordo, nem discordo), concordo parcialmente e concordo totalmente. (HANAI, 2009).

² Likert (1932), em seu estudo de medição de comportamentos, relacionou aspectos de atitudes sociais com itens qualitativos, analisando-os estatisticamente. A manifestação de concordância/discordância é tratada como uma variável categórica ordinal, e seus intervalos são assumidos como regulares.

Assim, os respondentes tiveram que indicar o grau de concordância ou discordância em relação à afirmativa, marcando uma das cinco opções. O Quadro 8 exibe a Escala de Likert de cinco pontos, utilizada no questionário.

Quadro 8 – Escala de Likert

Escala de Likert	Classificação
1	Discordância Total
2	Discordância Parcial
3	Neutralidade
4	Concordância Parcial
5	Concordância Total

Fonte: Adaptado de Barreto, Alves e Morais (2012).

Para a análise final do indicador, considerando que participaram da pesquisa diferentes atores sociais (Poder Público, artesãos e sociedade civil), os valores (média, coeficiente de variação e moda), foram organizados para cada indicador o conjunto de respostas de cada grupo. Sendo assim, fez-se necessário ter critérios de análise final do indicador, que seguiu a seguinte lógica, conforme Santos (2013):

- se o indicador apresentou-se insustentável pelos três grupos pesquisados, este foi considerado insustentável;
- se o indicador apresentou-se insustentável por um grupo e sustentável pelos outros dois, este foi considerado como potencialmente sustentável;
- se o indicador apresentou-se insustentável por dois grupos, o indicador foi considerado parcialmente insustentável;
- se o indicador apresentou-se sustentável pelos três grupos, o indicador foi considerado sustentável;
- se o indicador apresentou respostas distintas entre os três grupos, seu indicador representa a opinião intermediária dentre eles.

Sendo que, o indicador insustentável representa um desempenho inaceitável; o indicador parcialmente insustentável representa um desempenho indesejável; o indicador neutro significa um desempenho neutro ou fase de transição; o indicador potencialmente sustentável representa um desempenho aceitável e o indicador sustentável significa o desempenho desejável. (PRESCOTT-ALLEN, 2001).

Como critério de análise de sustentabilidade em cada grupo, utilizou-se a moda. A moda, segundo Muniz (2015, p. 273), “é o elemento que ocorre com maior

frequência, isto é, o elemento mais comum”, e foi utilizada em detrimento da média, em função de ser mais adequada em amostras pequenas, enquanto que a média é indicada para amostras grandes.

A utilização da Escala de Lickert foi possível, por meio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) 21, e da planilha eletrônica *Microsoft Office Excel*, sistemas que contemplam as técnicas estatísticas, para a correta tabulação dos dados.

Os dados também foram quantificados mediante porcentagem encontrada pelo Coeficiente de Variação (CV), que busca categorizar os dados quanto à representatividade média e o grau de dispersão, para saber se as respostas foram homogêneas ou não. Para isso, utilizou-se, como critério de análise, a distribuição de Oliveira (2010):

CV menor que 0,25 – Baixa variabilidade das respostas em torno da média;

CV entre 0,25 a 0,50 – Moderada variabilidade das respostas em torno da média;

CV maior que 0,50 – Alta variabilidade das respostas em torno da média.

Assim, por meio destes critérios, utilizou-se a seguinte fórmula para análise dos indicadores:

$$C.V. = S/X$$

Onde:

C.V. = Coeficiente de Variação

S= Desvio Padrão

X= Média

Mediante as etapas anteriormente descritas, foi possível analisar a sustentabilidade do artesanato, na cidade de Antônio Prado – RS, em uma perspectiva direta e objetiva, com a participação efetiva dos atores sociais da localidade. Acredita-se que os resultados encontrados nesta pesquisa irão subsidiar tomadas de decisão para o desenvolvimento sustentável do artesanato na cidade.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação do SISDTur, sobre a análise da sustentabilidade econômica, social e institucional, do artesanato, comercializado na Casa do Artesão de Antônio Prado – RS.

Inicialmente, caracteriza-se o perfil dos participantes do censo, e posteriormente, os dados foram organizados por dimensão, para sua melhor compreensão e análise. Com esta pesquisa, foi possível obter os resultados por dimensão e agrupá-los, para então obter-se a sustentabilidade do artesanato comercializado na Casa do Artesão.

5.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A pesquisa foi aplicada a 21 artesãos, quatro representantes institucionais e quatro representantes da sociedade civil, totalizando 29 respondentes. Destes, 25 são mulheres e quatro homens. A maior representatividade com relação a idade relaciona-se com a faixa etária de 61 a 70 anos com, 34% dos respondentes.

Tabela 1 – Idade

Idade	Quantidade	%
De 41 a 50 anos	6	21%
De 51 a 60 anos	6	21%
De 61 a 70 anos	10	34%
De 71 a 80 anos	6	21%
De 81 a 90 anos	1	3%
Total	29	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Com relação à escolaridade, a Tabela 2 revela que a maioria dos respondentes estudou até a quarta série, correspondendo a 45% dos respondentes, e que apenas três deles possuem pós-graduação, o que demonstra relação com a maior faixa etária ser de 61 a 70 anos, em virtude das dificuldades no acesso à educação nesta geração.

Tabela 2 – Escolaridade

Escolaridade	Quantidade	%
Ensino Fundamental incompleto (4ª série)	13	45%
Ensino Médio	7	24%
Ensino Superior	6	21%
Pós-Graduação	3	10%
Total	29	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Com relação à renda, a Tabela 3 revela que a maioria dos respondentes recebe de um a três salários mínimos mensais, correspondendo a 55% destes, seguido pelos que recebem de quatro a cinco salários-mínimos, com 24%.

Tabela 3 – Renda

Renda	Quantidade	%
Até R\$ 954,00	1	3%
Entre R\$ 954,01 e R\$ 2.862,00	16	55%
Entre R\$ 2.862,01 e R\$ 4.770,00	7	24%
Entre R\$ 4.770,01 e R\$ 7.480,00	2	7%
Mais de R\$ 7.480,01	3	10%
Total	29	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Sobre a renda advinda do artesanato, verificou-se que a mesma corresponde, na maioria dos casos, a até 20% da renda mensal individual do artesão, conforme demonstra a Tabela 4.

Tabela 4 – Renda advinda do artesanato

Renda	Até 20%	De 21% a 40%	De 41% a 80%	Total
Até R\$ 954,00	1	0	0	1
Entre R\$ 954,01 e R\$ 2.862,00	12	2	1	15
Entre R\$ 2.862,01 e R\$ 4.770,00	4	1	0	5
Total de artesãos	17	3	1	21

Fonte: Elaboração da autora.

Com relação ao tempo em que os artesões confeccionam artesanato, verificou-se uma distribuição homogênea, no período, conforme demonstra a Tabela 5.

Tabela 5 – Tempo de atuação na produção do artesanato

Tempo	Quantidade	%
De 1 a 15 anos	5	24%
De 16 a 30 anos	6	29%
De 31 a 45 anos	1	5%
De 46 a 60 anos	6	29%
De 61 a 75 anos	3	14%
Total	21	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Diante destes dados, verifica-se que a maioria dos entrevistados são mulheres, que possuem mais de 50 anos de idade, baixa escolaridade e renda de até cinco salários-mínimos, sendo que o artesanato contribui, na maioria dos casos, com até 20% da renda individual mensal.

Em continuidade à análise dos dados, o próximo item apresenta a dimensão econômica e os resultados encontrados.

5.2 DIMENSÃO ECONÔMICA

A dimensão econômica busca caracterizar o efeito da comercialização do artesanato com a geração de recursos para os artesãos e outros impactos originados na econômica local. Estabelece uma ligação com o desenvolvimento econômico sustentável, além de auxiliar os gestores e a comunidade local na tomada de decisão e na elaboração de políticas públicas locais.

A dimensão econômica é formada por 12 indicadores, distribuídos em seis descritores, cujos dados são apresentados no Quadro 9.

Quadro 9 - Dimensão econômica

Dimensão Econômica														
Descritor	Indicador	Artesão			Poder Público			Sociedade Civil			Total			Resultado Geral
		Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	
Rentabilidade	A renda gerada pelo artesanato é satisfatória para o artesão.	2,00	0,27	2,00	3,50	0,16	3,00	2,75	0,35	2,00	2,31	0,35	2,00	Parcialmente Insustentável
	A renda advinda do artesanato propicia a contratação de pessoas (geração de emprego).	1,86	0,19	2,00	3,50	0,16	3,00	2,75	0,55	2,00	2,21	0,39	2,00	Parcialmente Insustentável
	A renda decorrente do artesanato tem aumentado nos últimos anos.	3,76	0,29	4,00	3,25	0,15	3,00	3,00	0,38	2,00	3,59	0,29	4,00	Sustentabilidade Intermediária
	O tempo dedicado a produção do artesanato é maior do que o tempo dedicado a outras atividades.	3,48	0,28	4,00	3,50	0,29	3,00	3,25	0,29	4,00	3,45	0,27	4,00	Potencialmente Sustentável
Longevidade do Estabelecimento turístico	O artesanato é produzido e comercializado por mais de uma década.	4,57	0,16	5,00	4,25	0,23	5,00	4,25	0,23	5,00	4,48	0,18	5,00	Sustentável
	A casa do Artesão existe a um bom tempo, ou seja, apresenta alta longevidade.	5,00	0,00	5,00	4,75	0,11	5,00	5,00	0,00	5,00	4,97	0,04	5,00	Sustentável
	A quantidade de artesões tem crescido com o passar do tempo.	3,05	0,32	4,00	2,75	0,35	2,00	3,75	0,34	4,00	3,10	0,33	4,00	Potencialmente Sustentável
Disponibilidade de funcionamento	A casa do Artesão atende periodicamente e seus horários são suficientes para suprir a demanda.	4,95	0,04	5,00	4,75	0,11	5,00	4,00	0,35	5,00	4,79	0,13	5,00	Sustentável
Gastos do turista	A média de gastos do turista se aproxima da média do Ministério do Turismo (2018) que é de aproximadamente R\$ 217,00 (gasto per capita/dia, por viagem de lazer).	2,67	0,18	3,00	3,50	0,29	3,00	2,75	0,18	3,00	2,79	0,22	3,00	Sustentabilidade Intermediária
Investimento em turismo	Os investimentos no desenvolvimento e comercialização do artesanato são equilibrados e atendem de antemão o aumento da demanda.	4,05	0,05	4,00	2,75	0,35	2,00	3,50	0,29	4,00	3,79	0,18	4,00	Potencialmente Sustentável
	Na última década é possível identificar incentivos (financeiros e de desenvolvimento profissional) para a produção do artesanato.	3,05	0,34	4,00	3,25	0,29	4,00	3,25	0,29	4,00	3,10	0,31	4,00	Potencialmente Sustentável
Sazonalidade Turística	São promovidas ações para minimizar os impactos da sazonalidade.	2,33	0,37	2,00	2,75	0,18	3,00	3,00	0,38	2,00	2,48	0,35	2,00	Parcialmente Insustentável

Fonte: Elaboração da autora.

O Quadro 9 apresenta os resultados da sustentabilidade, de acordo com as informações dos artesãos, do Poder Público e da sociedade civil, da dimensão econômica. Verifica-se que três indicadores se apresentam sustentáveis, quatro potencialmente sustentáveis, dois com sustentabilidade intermediária e três parcialmente insustentáveis.

Para melhor análise, cada descritor e sua classificação de sustentabilidade será explanado nos próximos itens.

5.2.1 Análise dos descritores da dimensão econômica

A dimensão econômica é composta por seis descritores, que totalizam 12 indicadores. Estes indicadores, por sua vez, revelaram que a dimensão econômica possui insustentabilidade parcial até ações sustentáveis, dentre os três pontos de vista analisados, por parte dos artesões, do Poder Público e da sociedade civil.

5.2.1.1 Rentabilidade

O primeiro descritor é a rentabilidade, que envolve quatro indicadores, sendo que um deles é potencialmente sustentável, dois são parcialmente insustentáveis e um deles possui sustentabilidade intermediária. Infere que são necessárias ações para modificação do cenário atual, para que a atividade continue ocorrendo no futuro.

Com relação aos dois indicadores, que são parcialmente insustentáveis (renda advinda do artesanato e geração de empregos), percebe-se que o Poder Público se declara mais favorável em relação a eles, enquanto que os artesões e a sociedade civil apontam que a renda gerada pelo artesanato e a geração de empregos não ocorrem de maneira satisfatória. Cenário este que compromete a sustentabilidade econômica do artesanato, conforme a OMT (2009) aponta, que para haver sustentabilidade econômica é necessário conciliar a criação de postos de trabalho, com níveis satisfatórios de renda.

O indicador de evolução da renda revelou-se com sustentabilidade intermediária, visto que, para os artesões, houve um aumento de renda; o Poder Público se manifestou de forma neutra e, na visão da sociedade civil, houve um decréscimo da mesma. Portanto, visualizam-se opiniões distintas sobre a evolução de renda com o artesanato, o que pode significar que os resultados das vendas não são compartilhados ao grande grupo.

Já o indicador sobre o tempo dedicado à produção do artesanato se revela potencialmente sustentável, por isso infere-se que o tempo dedicado à produção do artesanato seja maior do que o tempo dedicado a outras atividades, em função da maioria dos artesões ser aposentada e, por isso, dispõe de tempo maior para a confecção de peças.

Com relação ao coeficiente de variação, percebe-se que os quatro indicadores possuem uma moderada variação de respostas, revelando diferentes respostas dos atores envolvidos no processo, com relação à rentabilidade do artesanato.

5.2.1.2 Longevidade do estabelecimento turístico

A dimensão da longevidade do estabelecimento turístico possui três indicadores, sendo que dois deles foram considerados sustentáveis e um deles potencialmente sustentável.

Os dois indicadores sustentáveis abordam a comercialização do artesanato, por mais de uma década e se a Casa do Artesão apresenta alta longevidade. Percebe-se que, nos três perfis de entrevistados, todos estiveram em consenso, afirmando a sustentabilidade destes indicadores.

A sustentabilidade demonstrada nestes indicadores reforça o posicionamento da UNWTO (2018), que, mesmo com a crise econômica vivenciada nos últimos anos, o setor do turismo não sofreu perdas, mas sim cresceu, e a longevidade dos estabelecimentos turísticos e a comercialização do artesanato por mais de uma década evidenciam esta realidade.

O indicador, que avalia se a quantidade de artesãos tem crescido com o passar do tempo, foi classificado como potencialmente sustentável, dado que se correlaciona com a Tabela 5, que revela há quantos anos os artesãos confeccionam o artesanato. De acordo com ela, percebe-se que existem artesãos que confeccionam artesanato há mais de sessenta anos e outros que estão iniciando na atividade. Assim, infere-se que o artesanato tem mantido sua tradição com o passar do tempo.

Sobre o coeficiente de variação, visualiza-se que, nos três indicadores mencionados, houve baixa dispersão das respostas, ou seja, houve maior concordância e homogeneidade nas opiniões emitidas.

5.2.1.3 Disponibilidade de funcionamento

A terceira dimensão analisada foi a da disponibilidade de funcionamento, em que o indicador questionava sobre os horários de atendimento da Casa do Artesão e sua periodicidade. Este indicador foi considerado sustentável pelos três grupos entrevistados, tendo baixa dispersão, conforme revela o coeficiente de variação. Portanto, percebe-se que a disponibilidade de funcionamento da Casa do Artesão é considerada, pelos respondentes, como sustentável.

5.2.1.4 Gastos do turista

A quarta dimensão envolve os gastos do turista; o indicador utilizado foi a média de gastos do turista se aproximar da média do Ministério do Turismo (2018), que é de aproximadamente R\$ 217,00 (gasto *per capita*/dia, por viagem de lazer). Esta dimensão teve como resultado sustentabilidade intermediária, visto que tanto os artesãos, como o Poder Público e a sociedade civil se manifestaram de forma neutra, ou seja, não concordaram nem discordaram com a afirmação realizada.

Dias (2013) aponta que o turismo permite que a renda seja redistribuída para regiões com menor desenvolvimento, isto se dá pelo consumo do turista no local de destino. Saber quanto o turista gasta em sua passagem pela cidade auxilia no planejamento e na gestão do turismo. Por isso, dados como este precisam ser mensurados e divulgados para todas as esferas da sociedade local, para assim promover ações conjuntas, para fortalecimento do setor.

5.2.1.5 Investimentos no turismo

A quinta dimensão envolve os investimentos no turismo, agrupados em dois indicadores: se os investimentos no desenvolvimento e na comercialização do artesanato são equilibrados e atendem ao aumento da demanda, e se é possível identificar, na última década, incentivos (financeiros e de desenvolvimento profissional) para a produção do artesanato, sendo estes dois considerados potencialmente sustentáveis.

Para que o pequeno artesão possa ter renda para investir em matéria-prima e em seu ofício, são necessárias linhas de crédito para investimentos, pois, conforme Dias (2013) afirma, para que haja turismo é necessário realizar investimentos para atrair o turista. Assim sendo, a avaliação de potencialmente sustentável revela que existe preocupação em ofertar recursos para o desenvolvimento da atividade na localidade e, conseqüentemente, no fortalecimento do turismo na cidade.

Sobre o indicador de incentivos, os três grupos o apontaram como potencialmente sustentável, tendo um coeficiente de variação de moderada dispersão, ou seja, houveram algumas respostas distintas entre si, mas com pequena diferença.

Já o indicador de investimentos foi considerado pelos artesãos e pela sociedade civil como potencialmente sustentável e pelo Poder Público como parcialmente insustentável, havendo baixa dispersão nas respostas, conforme o coeficiente de variação demonstrou.

5.2.1.6 Sazonalidade turística

A sazonalidade turística aborda a promoção de ações, para minimizar os impactos da variação do número de turistas, na localidade; de acordo com os respondentes, foi considerada parcialmente insustentável. O coeficiente de variação para este indicador se revelou moderado, ou seja, houveram algumas opiniões distintas entre si.

A sazonalidade turística precisa ser planejada, para haver diminuição em seus efeitos, que, conforme Mota (2001), são: desemprego, queda do faturamento, comprometimento da qualidade do atendimento, promoções e alterações no preço dos produtos turísticos.

Todos estes efeitos acarretarão perdas financeiras para os artesãos; por isso, é necessário criar meios de combater a sazonalidade turística e assim fortalecer as vendas e a renda dos artesãos.

Conforme o exposto, percebe-se que a dimensão econômica apresenta, em sua maioria, indicadores potencialmente sustentáveis (cinco) e sustentáveis (três). No entanto, são necessárias ações para minimização dos efeitos da sazonalidade turística, que atingem diretamente a renda e a geração de empregos na localidade, através da exploração de ações conjuntas, entre artesãos, sociedade civil e Poder Público, para fomentar a economia local.

Além disso, para haver o fortalecimento da economia local, é necessário que os artesãos melhorem sua qualidade de vida e tenham parecer favorável ao desenvolvimento do turismo na cidade. Sobre este tema, o próximo tópico aborda a dimensão social do artesanato.

5.3 DIMENSÃO SOCIAL

A dimensão social busca avaliar a sustentabilidade social com relação ao artesanato, pois, quanto maior for a contribuição do artesanato em melhorar a qualidade de vida local, melhor será a contribuição para o desenvolvimento sustentável.

O Quadro 10, apresenta as três dimensões, que compreendem os oito indicadores, na busca da sustentabilidade social.

Quadro 10 - Dimensão social

Dimensão Social														
Descritor	Indicador	Artesão			Poder Público			Sociedade Civil			Total			Resultado Geral
		Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	
Inserção de residentes	Os funcionários da Casa do Artesão têm qualificação/capacitação em turismo.	1,00	0,00	1,00	2,75	0,62	1,00	2,00	0,71	1,00	1,38	0,71	1,00	Insustentável
	Existem iniciativas de aperfeiçoamento profissional em turismo para os artesãos e funcionários da Casa	3,67	0,23	4,00	2,50	0,69	2,00	3,50	0,29	4,00	3,48	0,30	4,00	Potencialmente Sustentável
	Existem programas e/ou projetos sociais que envolvam os residentes locais com o objetivo de engajá-los no desenvolvimento do artesanato.	3,29	0,32	4,00	3,25	0,29	4,00	3,50	0,29	4,00	3,31	0,30	4,00	Potencialmente Sustentável
Nível de empregabilidade	O artesanato incrementa a empregabilidade no município.	3,10	0,35	4,00	3,75	0,13	4,00	3,75	0,34	4,00	3,28	0,33	4,00	Potencialmente Sustentável
	O número de empregos ligados a produção e comercialização do artesanato aumentou na última década.	3,76	0,20	4,00	3,50	0,16	3,00	3,50	0,29	4,00	3,69	0,21	4,00	Potencialmente Sustentável
Inserção sócio econômica	A renda do artesanato contribui para a inclusão social do artesão.	4,71	0,15	5,00	4,50	0,13	4,00	4,75	0,11	5,00	4,69	0,14	5,00	Sustentável
	O artesanato possibilita o envolvimento dos residentes com o turismo.	4,76	0,19	5,00	4,50	0,13	4,00	4,75	0,11	5,00	4,72	0,17	5,00	Sustentável
	O turismo é considerado benéfico para a cidade.	5,00	0,00	5,00	5,00	0,00	5,00	5,00	0,00	5,00	5,00	0,00	5,00	Sustentável

Fonte: Elaboração da autora.

O Quadro 10, revela que, dos oito indicadores propostos, três foram considerados sustentáveis, quatro potencialmente sustentáveis e um deles

insustentável, portanto verifica-se que o artesanato contribui para a inclusão social do artesão.

Para melhor análise, cada descritor e sua sustentabilidade são explanados no próximo item.

5.3.1 Análise dos descritores da dimensão social

5.3.1.1 Inserção de residentes

O primeiro descritor, o da dimensão social, inserção de residentes, envolve três indicadores: capacitação/qualificação dos funcionários em turismo, existência de aperfeiçoamento profissional em turismo para os artesãos e funcionários da Casa do Artesão, e existência de programas e/ou projetos sociais que envolvam os residentes locais, com o objetivo de engajá-los no desenvolvimento do artesanato.

O indicador de capacitação/qualificação dos funcionários em turismo se mostrou insustentável, já que as atendentes da Casa do Artesão não possuem formação em Turismo; no entanto, estão ocorrendo iniciativas de aperfeiçoamento profissional, tanto para os artesãos como para os funcionários da casa, obtendo este indicador o parecer de potencialmente sustentável e, desta forma, se infere que, no futuro, este indicador melhorará, em função das ações promovidas atualmente.

Sobre o indicador de envolvimento dos residentes locais, a opinião dos respondentes revelou que este é considerado potencialmente sustentável, ou seja, existe a preocupação em envolver a população local com o artesanato e, desta forma, atrair novos artesãos para o ofício. Esse cenário afirma o pensamento de Oliveira (2008), em que a comunidade deve estar presente e participativa no desenvolvimento do turismo na localidade.

Com relação ao coeficiente de variação, verifica-se que a dispersão das respostas foi considerada de moderada a alta, ou seja, houve uma amplitude significativa nas respostas obtidas.

5.3.1.2 Empregabilidade

O descritor empregabilidade possui dois indicadores: incremento da empregabilidade no município pelo artesanato, e se o número de empregos ligados ao artesanato aumentou na última década, e ambos foram considerados potencialmente sustentáveis.

Verifica-se que, na opinião dos respondentes, o artesanato é visto como um ofício que gera empregos e aumenta a empregabilidade no município; as respostas tiveram baixa a moderada variação, inferindo a proximidade entre elas.

Essa situação corrobora o pensamento de Sachs (2004) e Aguiar (2007), que apontam que o desenvolvimento com sustentabilidade social deve gerar emprego, atrelado à qualidade de vida, melhoria na renda e empregabilidade, características obtidas com o aprimoramento da empregabilidade existente.

5.3.1.3 Inserção sócio econômica

Sobre o último descritor, que é a inserção socioeconômica, seus três indicadores foram considerados sustentáveis, o que demonstra que o artesanato gera renda para a inclusão social do artesão; que o artesanato possibilita o envolvimento dos residentes com o turismo e que o turismo, é considerado benéfico para a cidade.

Desta forma, cria-se uma civilização do *ser*, em que existe uma distribuição do *ter*, de modo a melhorar as condições e os direitos dos envolvidos com o turismo. (MENDES, 2009). Esta gestão é participativa, concilia os interesses do desenvolvimento local com a percepção das próprias comunidades. (BURGOS; MERTENS, 2015).

Assim, infere-se que o artesanato é visto como meio de geração de renda, participação social e de divulgação do município por meio do turismo. O coeficiente de variação apresentou baixa dispersão, ou seja, as respostas foram homogêneas, estando próximas umas das outras.

Conforme o exposto, percebe-se que a dimensão social apresenta, em sua maioria, indicadores potencialmente sustentáveis (04) e sustentáveis (03), sendo que, para o único indicador negativo, já estão ocorrendo ações para melhorar sua sustentabilidade, com relação à capacitação em turismo.

Além de analisar sobre a dimensão econômica e social, o próximo tópico aborda a dimensão institucional, para verificar a participação dos artesãos no turismo local, a existência de apoio governamental, e a divulgação dos artefatos pela Casa do Artesão.

5.4 DIMENSÃO INSTITUCIONAL

A dimensão institucional traz indicadores relacionados à sustentabilidade institucional do turismo e avalia a promoção de políticas públicas relacionadas com o artesanato, com vista à sustentabilidade.

Quadro 11 - Dimensão institucional

Descritor	Indicador	Dimensão Institucional												Resultado Geral
		Artesão			Poder Público			Sociedade Civil			Total			
		Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	Média	CV	Moda	
Envolvimento com o turismo	Os artesões participam das decisões do turismo local.	3,19	0,34	4,00	4,25	0,23	5,00	4,00	0,35	5,00	3,45	0,33	4,00	Sustentável
	Há uma participação social efetiva no processo de desenvolvimento turístico, sendo esta uma ação incentivada pelo poder público.	3,33	0,33	4,00	4,25	0,12	4,00	4,00	0,35	5,00	3,55	0,32	4,00	Potencialmente Sustentável
	As associações e entidades de classe são atuantes nos processos decisórios do turismo.	4,57	0,11	5,00	3,50	0,49	4,00	4,50	0,13	4,00	4,41	0,19	5,00	Potencialmente Sustentável
	Os resultados, de ações sobre o desenvolvimento do artesanato/turismo, são divulgados, para incentivar a participação de outros atores sociais.	3,86	0,22	4,00	3,00	0,47	4,00	4,50	0,13	4,00	3,83	0,25	4,00	Potencialmente Sustentável
Capacitação e investimentos em turismo	Existe um Plano Municipal de Turismo.	2,48	0,61	1,00	4,50	0,22	5,00	3,50	0,55	5,00	2,90	0,56	1,00	Sustentável
	São ofertados cursos/oficinas de artesanato.	4,38	0,21	5,00	3,50	0,16	3,00	4,25	0,12	4,00	4,24	0,21	4,00	Potencialmente Sustentável
	Os investimentos públicos anuais em turismo são satisfatórios.	3,10	0,32	2,00	2,25	0,67	1,00	3,00	0,47	2,00	2,97	0,38	2,00	Parcialmente Insustentável
	Existem linhas de crédito disponíveis específicas de turismo para investimentos.	3,33	0,32	4,00	3,75	0,13	4,00	3,75	0,40	5,00	3,45	0,31	4,00	Potencialmente Sustentável
Promoção e comercialização de produtos turísticos	Existem estratégias de promoção e comercialização do artesanato.	3,00	0,42	2,00	4,00	0,20	4,00	3,00	0,38	2,00	3,14	0,39	2,00	Parcialmente Insustentável
	A divulgação do artesanato nos canais de divulgação (rádio, TV, internet) produz bons resultados nas vendas.	1,90	0,52	2,00	3,75	0,26	3,00	2,50	0,52	1,00	2,24	0,53	2,00	Parcialmente Insustentável

Fonte: Elaboração da autora.

O Quadro 11, revela que, dos dez indicadores propostos, um foi considerado sustentável, cinco potencialmente sustentáveis, três parcialmente insustentáveis e um

deles insustentável; portanto, verifica-se que a dimensão institucional apresenta pontos positivos e outros que necessitam de maior atenção, para que haja o desenvolvimento sustentável do artesanato em Antônio Prado – RS.

Para melhor análise, cada descritor e sua sustentabilidade é explanado no próximo item.

5.4.1 Análise dos descritores da dimensão institucional

5.4.1.1 Envolvimento com o turismo

O primeiro descritor da dimensão institucional é o envolvimento com o turismo, que possui quatro indicadores, sendo três deles potencialmente sustentáveis e um deles sustentável.

O indicador sobre a participação dos artesãos nas decisões do turismo local, revela que existe a participação destes, uma vez que foi considerada sustentável pelos respondentes, havendo uma moderada dispersão nas respostas, o que aponta que houve algumas opiniões distintas entre si.

O indicador sobre a participação social efetiva, no desenvolvimento turístico, sendo uma ação incentivada pelo Poder Público, obteve a classificação de potencialmente sustentável, demonstrando que existe esforço do Poder Público em incluir a participação da população no desenvolvimento turístico, no entanto, esta pode ser melhorada para alcançar o de sustentável.

O indicador sobre a atuação das associações e entidades de classe, nos processos decisórios do turismo, foi considerado potencialmente sustentável, possuindo uma baixa dispersão nas respostas, o que significa que os respondentes possuem visão próxima uns dos outros.

O indicador sobre a divulgação dos resultados das ações, sobre o desenvolvimento do artesanato/turismo, obteve a classificação de potencialmente sustentável, ou seja, apresenta um desempenho aceitável, em que os respondentes acreditam que existe a divulgação dos resultados das ações para incentivar a participação de outros atores sociais, sendo esta uma opinião com baixa dispersão.

Esse contexto se alinha ao pensamento de Beni (2012), em que os princípios que devem nortear o processo do planejamento do turismo, pelo Poder Público,

devem estar baseados na participação de todos os atores que interagem, no processo em andamento e no trabalho coletivo.

5.4.1.2 Capacitação e investimentos em turismo

O segundo descritor a ser abordado é a capacitação e investimentos em turismo, possuindo quatro indicadores: um deles sustentável, dois potencialmente sustentáveis e um deles parcialmente sustentável.

O indicador da existência de um Plano Municipal de Turismo foi classificado como sustentável; no entanto, seu coeficiente de variação apresentou-se com alta dispersão, o que significa que ocorreram respostas heterogêneas, inferindo, então, que alguns respondentes não sabiam da existência de Plano Municipal de Turismo.

O indicador sobre a oferta de oficinas/cursos em artesanato apresentou-se como potencialmente sustentável, sendo o coeficiente de variação de baixa dispersão, ou seja, houve respostas homogêneas. Este indicador se relaciona com o indicador da dimensão social sobre programas e/ou projetos sociais que envolvam os residentes locais com o artesanato, que também foi classificado como potencialmente sustentável, reforçando a existência de ações que busquem aproximar a população da produção do artesanato.

O indicador sobre investimentos públicos em turismo classificou-se como parcialmente insustentável, demonstrando que são necessários maiores investimentos do Poder Público, no desenvolvimento turístico da cidade, já que o turismo é considerado benéfico pelos respondentes. Com relação ao coeficiente de variação, o mesmo apresentou moderada variação, apontando a existência de algumas respostas diferentes entre si.

Com relação à existência de linhas de crédito, o indicador foi classificado como potencialmente sustentável, inferindo que há a existência de financiamentos com juros e condições especiais para os artesãos. Sobre o coeficiente de variação, este apresentou moderada variação.

5.4.1.3 Promoção e comercialização dos produtos

O terceiro descritor aborda a promoção e a comercialização de produtos, composto por dois indicadores, classificados como parcialmente insustentáveis.

O primeiro indicador abordou a existência de estratégias de promoção e comercialização do artesanato, que foi classificado como parcialmente insustentável, com um coeficiente de variação de moderada dispersão, revelando a existência de algumas opiniões distintas entre si, situação que interfere no crescimento/desenvolvimento do artesanato local, pois o turismo, como segmento de mercado, precisa ter estratégias de promoção e comercialização dos produtos turísticos. (SANTOS, 2013).

O segundo indicador questionou sobre a divulgação do artesanato nos meios de comunicação, que também foi considerado como parcialmente insustentável, e com um coeficiente de variação de alta dispersão, ou seja, as respostas foram heterogêneas.

Diante disso, a promoção e a comercialização dos artefatos produziram respostas distintas entre si, o que revela a falta de consenso, além de ter sua classificação como parcialmente insustentável, o que se entrelaça à questão da dimensão econômica relativa à rentabilidade, que também se apresentou parcialmente insustentável, e a sazonalidade. Infere-se então, que são necessárias ações para melhorar a comercialização e a promoção dos artefatos e, com isso, melhorar a renda dos artesãos.

5.5 SUSTENTABILIDADE DO ARTESANATO

A partir das análises dos indicadores, à luz da metodologia de Hanai (2009), foi possível verificar que o artesanato, comercializado na Casa do Artesão de Antônio Prado – RS, apresenta desde indicadores de insustentabilidade (inaceitável) até indicadores sustentáveis (desejáveis). O Quadro 12, representa uma sinopse dos resultados em cada dimensão.

Quadro 12 - Sustentabilidade do artesanato

Dimensão	Insustentável	Parcialmente Insustentável	Sustentabilidade Intermediária	Potencialmente Sustentável	Sustentável	Total
Econômica	00 Indicadores	03 Indicadores	02 Indicadores	04 Indicadores	03 Indicadores	12 Indicadores
Social	01 Indicador	00 Indicadores	00 Indicadores	04 Indicadores	03 Indicadores	08 Indicadores
Institucional	00 Indicadores	03 Indicadores	00 Indicadores	05 Indicadores	02 Indicadores	10 Indicadores
Total	01 Indicador	06 Indicadores	02 Indicadores	13 Indicadores	08 Indicadores	30 Indicadores
Percentual	3%	20%	6%	44%	27%	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Conforme demonstra o Quadro 12, verificou-se que a sustentabilidade do artesanato comercializado na Casa do Artesão de Antônio Prado – RS, é potencialmente sustentável (aceitável), correspondendo a 44% dos indicadores e sustentável (desejável) correspondendo a 27% dos indicadores. Portanto, diante deste resultado, afirma-se que o artesanato contribui para a economia e para a inclusão social, existindo a participação institucional no processo de desenvolvimento do artesanato.

A dimensão que obteve as melhores avaliações foi a social, sendo que, para o único indicador insustentável apresentado, já estão sendo promovidas ações para sua melhoria. Desta forma, conforme Oliveira (2008), o artesanato propicia a inserção do artesão na comunidade, além de possibilitar que o mesmo venha a agregar novos conhecimentos e experiências à função; logo o artesanato, fomentado pelo turismo, torna-se um agente de resgate da tradição local e de inclusão social.

Nesta perspectiva de sustentabilidade social Beni (2012), aponta que, dentre os benefícios gerados pela inclusão social, está a recuperação da autoestima individual e da localidade, com a valorização do saber-fazer da cultura local. Este fato se correlaciona com o aumento do número de artesãos com o passar do tempo, mesmo que o indicador de renda seja parcialmente insustentável, dependendo que a autoestima e valorização do saber-fazer são sentimentos presentes nos artesãos de Antônio Prado – RS.

A dimensão econômica apresentou três indicadores de parcialmente insustentável (indesejáveis), sinalizando que são necessárias melhorias na rentabilidade, na geração de emprego e na sazonalidade do artesanato, situações que impactam diretamente na renda do artesão e estão atreladas à promoção e comercialização dos artefatos, que também obteve indicador de parcialmente insustentável. A UNWTO (2018), em sua pesquisa, revelou que a competitividade e a lucratividade são os principais fatores de sustentabilidade em todas as indústrias do

turismo; por isso, estes indicadores merecem atenção redobrada, para que a atividade se desenvolva de maneira sustentável.

Os indicadores sustentáveis da dimensão econômica concentraram-se na disponibilidade de atendimento e na longevidade do estabelecimento. Essa situação se relaciona com o turismo ser considerado benéfico para a cidade, da dimensão social, revelando o desejo de atender/receber o turista, além de ser um elemento de integração nacional, que permite o conhecimento do Brasil pelos próprios brasileiros, valorizando sua diversidade física e cultural. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2009).

A dimensão institucional demonstra pontos positivos, como a participação e o envolvimento da comunidade local nas tomadas de decisão, deste modo, conforme Silvino (2015), estimula-se as potencialidades dela, ao se agir conjuntamente com as instituições, organizações e população local. Esta avaliação corrobora com o pensamento de Beni (2012), que afirma que um dos princípios, que deve nortear o planejamento, é o trabalho coletivo, com a participação dos atores relacionados ao projeto em desenvolvimento.

No entanto, apesar dos pontos positivos, verificou-se que, com relação aos investimentos públicos, são necessárias melhorias, uma vez que são eles, que possibilitarão investimentos em acesso, infraestrutura, criação de projetos com intervenção social, entre outras ações, que proporcionarão melhoria em outros indicadores, além de fomentar o turismo na cidade, pois, conforme Nodari (2007), com o desenvolvimento do turismo, haverá maior circulação de renda, movimentando o comércio, os serviços e as indústrias. Com isso melhora a qualidade de vida da população autóctone.

Visualiza-se que a utilização do SISDTur permitiu identificar a sustentabilidade do artesanato comercializado na Casa do Artesão de Antônio Prado – RS, segundo informações dos respondentes, possibilitando acompanhar seu comportamento, para garantir o desenvolvimento sustentável do artesanato na cidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é um fenômeno que interage com diferentes dimensões ligadas, direta ou indiretamente, a ele. Seus efeitos podem ser sentidos em níveis ambientais, culturais, sociais, econômicos, dentre outros. Acredita-se que em 2030, 21% da população mundial realizará turismo internacional (ONU, 2017), ou seja, uma a cada cinco pessoas do mundo deixará seu país, com destino a outro, seja por motivos de trabalho, de lazer, religiosos, entre outros.

Toda essa movimentação de pessoas produz e produzirá impactos na sociedade, os quais precisam ser mensurados e avaliados, para garantir um futuro que preserve as riquezas culturais, proteja o meio ambiente, tenha rentabilidade, promova a inclusão social, além da manutenção das demais necessidades existentes. Para tanto, os indicadores de sustentabilidade surgem como ferramentas para a determinação e operacionalização desta realidade.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi o de analisar, através do SISDtur, a sustentabilidade econômica, social e institucional, do artesanato comercializado na casa do artesão de Antônio Prado – RS. Para atingir o objetivo proposto, a metodologia escolhida foi o Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo (SISDTur), de Hanai (2009), por ser consistente, uma vez que apresenta indicadores, critérios de seleção, parâmetros específicos de medição, além de levar em consideração a participação da comunidade local, permitindo a realização de adaptações, na forma de medição, para adequação à realidade do local de estudo.

Como resultado encontrado, verifica-se que o artesanato comercializado na Casa do Artesão é considerado potencialmente sustentável, uma vez que correspondeu a 13 indicadores, seguido pela avaliação de sustentável com oito indicadores. À vista disso, constata-se que o artesanato, comercializado na Casa do Artesão, promove a sustentabilidade para os envolvidos no processo, pois 44% dos indicadores são potencialmente sustentáveis (aceitável) e 27% são sustentáveis (desejável).

Dentre os indicadores que apresentam sustentabilidade, verifica-se que a comunidade local participa da construção do turismo na localidade, ação incentivada pelo Poder Público, sendo o turismo visto de maneira positiva, e o interesse da comunidade é que ele se desenvolva continuamente.

Sobre a confecção do artesanato, visualizou-se que existem programas, cursos e oficinas que possibilitam que novas pessoas aprendam o artefato, assim promovendo condições para que o ofício seja passado a outras gerações. Esse fato corrobora a longevidade da Casa do Artesão, que existe há mais de 15 anos e que atende em diversos dias e horários, para a comodidade do turista.

Também foi possível depreender que o artesanato contribui para a inclusão social do artesão, uma vez que permite o envolvimento com outros residentes e turistas, além de possibilitar seu aperfeiçoamento, por meio de cursos e palestras. Todos estes pontos, evidenciam como o artesanato pode ser um agente de inclusão social e de melhoria na qualidade de vida dos envolvidos. Este aspecto é considerado sustentável e também potencialmente sustentável.

Como pontos a serem melhorados, verificou-se que a rentabilidade, a sazonalidade e a produção e comercialização dos produtos precisam de atenção por parte dos gestores, pois são fatores interligados e que obtiveram resultados parcialmente insustentáveis (indesejáveis). Portanto, ações são necessárias para a melhor exposição e divulgação dos produtos, contemplando a diminuição dos efeitos da sazonalidade e, conseqüentemente, de sua rentabilidade.

Os investimentos em turismo também se revelaram parcialmente insustentáveis, e estes resultados devem despertar a atenção dos gestores locais, para a busca de investimentos e de políticas que viabilizem a melhoria deste indicador, para alcançar desenvolvimento sustentável da atividade turística na localidade.

Verificou-se que as opiniões emitidas, sobre a evolução da renda advinda do artesanato e do valor gasto por dia pelo turista, foram neutras; isso induz que estudos mais aprofundados sobre estes indicadores são necessários, para mensurar a sustentabilidade e assim traçar ações que aumentem as receitas existentes.

Os resultados aqui apresentados revelam a sustentabilidade que a comercialização do artesanato possui. Considera-se que o objetivo deste trabalho tenha sido alcançado, uma vez que foi possível analisar a sustentabilidade existente na comercialização do artesanato, além de possibilitar a verificação de algumas recomendações para sua continuidade, como a ampliação da pesquisa sobre outros sistemas de indicadores de sustentabilidade, a incorporação de critérios e indicadores pertinentes à realidade local e formas de medir estes.

Também se sugere que novas pesquisas relacionadas ao turismo e ao artesanato venham a ocorrer, já que possibilitarão maior entendimento e discussões

sobre o assunto, gerando-se novas visões e, conseqüentemente, novas propostas para melhorias da situação existente.

Esta pesquisa, permitiu aos atores sociais a visualização do diagnóstico atual da comercialização do artesanato, na Casa do Artesão de Antônio Prado – RS, evidenciando que quando o turismo é realizado de maneira sustentável, incrementa-se a economia, favorece-se a inclusão social dos envolvidos, além de auxiliar na construção de um plano de desenvolvimento turístico para a localidade destino.

REFERÊNCIAS

AAKER, Davi. A.; KUMAR, Vinay; DAY, George. S. **Pesquisa de marketing**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

AGUIAR, Geraldo M. de. Turismo, desenvolvimento local e integração regional. In: SEABRA, Geovani (Org.). **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. Editora Universitária; 2007.

AMARAL JUNIOR, José Bento Carlos. Dimensão Financeira e análise de investimentos. In: BENI, Mario Carlos (Org.). **Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional**. Barueri, SP: Manole, 2012.

ANDRADE, Francisco Alcicley Vasconcelos. **Caracterização da cadeia produtiva do artesanato em madeira no Município de Paratins sob a ótica da sustentabilidade**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, 2015.

BACAL, Sarah Strachman et al. Turismo sustentável no Brasil: Utopia ou possibilidade? **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 6, n. 2, p. 175-181, 2007. Disponível em: <revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/download/1244/1277>. Acesso em: 25 mar. 2017.

BARBIERI, José Carlos et al. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. **RAE – Revista de Administração de Empresas** [en linea], 2010, 50 (abril-junio) : [Fecha de consulta: 7 de febrero de 2018]. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155115784002>>. Acesso em: 25 mar. 2017. ISSN 0034-7590.

BARRETO, M. T.; ALVES, M. B.; MORAIS, G. L. F. V. de. **A acessibilidade nas empresas: percepção dos portadores de deficiência visual inseridos no mercado de trabalho**. 2012. Disponível em: <<http://gpi.aedb.br/seget/artigos12/28516237.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2018.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2007. Disponível em: <https://ucs.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788576051565/pages/_15>. Acesso em: 9 abr. 2017.

BENI, Mario Carlos Beni. **Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional**. Barueri, SP: Manole, 2012.

BOLSON, Jaisa Gantijo. Políticas Públicas e Planejamento Turístico – A experiência Mineira na implantação dos circuitos turísticos. **Anais... III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/pos-graduacao/formacao-stricto-sensu/turismo-e-hospitalidade/eventos-e-anais/iii-semintur/>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRAYNER, Natalia Guerra.; **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais.** Brasília: Iphan/Cedit, 2007.

BRAUN, Sonia Maria Antônia Holdorf. **Intervenção urbana com fios: o tricô e o crochê na arte contemporânea em uma perspectiva educativa.** 2013. 96 f. TCC (Graduação) – Curso de Artes Visuais: Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/87670>>. Acesso em: 1º abr. 2018.

BURGOS, Andrés; MERTENS, Frédéric. Os desafios do turismo no contexto da sustentabilidade: as contribuições do turismo de base comunitária. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural** [en línea] 2015, 13 (Enero-Abril) : [Fecha de consulta: 31 de marzo de 2018]. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88133268003>>. Acesso em: 1º abr. 2018. ISSN 1695-7121.

CAMPOS, Luciane Jung de. Artesanato: resíduo elogiado ou possibilidade de crítica. In: SOUZA, E. L. A. **Seminário da Utopia, Arte e Psicanálise.** Porto Alegre, 2005.

CAMPOS, Luciene Jung de. O artista popular assentado no museu. **Organon**, Porto Alegre, n. 53, p. 211-229, 2012.

CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. **A aplicação das dimensões do desenvolvimento sustentável e os níveis da competitividade sistêmica: um estudo comparativo entre regiões produtoras de calçados no Brasil.** 2004. 210 p. Tese (Concurso Professor Titular) – Departamento de Administração e Contabilidade do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, 2004.

CHILVERS, Ian. **Dicionário Oxford de Arte.** 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo.** São Paulo: Atlas, 2013.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil.** São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades.** São Paulo: Saraiva, 2006. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502121362/cfi/4!/4/4@0.00:0.00>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

ELAVAI, A. R. et al. **Sistema de indicadores de sustentabilidade do turismo da Macaronésia.** Serviço Regional de Estatística dos Açores, 2006. Disponível em: <<http://estatistica.azores.gov.pt/upl/%7B8df7d71c-9e0e-496d-a4e5-b73cf2aab561%7D.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FALCÃO, Mariana Cavalcanti. **A sustentabilidade do destino turístico de Fernando de Noronha: uma análise a partir da abordagem do ciclo de vida de áreas turísticas e das dimensões da sustentabilidade.** 2010. 201 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Propad, 2010.

FALCÃO, José de Moraes. **Artesanato**: as mãos visíveis do mercado. 2008. Disponível em: <<http://www2.rj.sebrae.com.br/boletim/artesanato-as-maos-visiveis-do-mercado/>>. Acesso em: 14 out. 2016.

FANTIN, Carla; MECCA, Marlei Salete. Aspectos e impactos ambientais na produção e comercialização do artesanato na cidade mais italiana do Brasil – Antônio Prado – RS. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL DE EMPREENDIMIENTOS TURÍSTICOS, 3., 2017, Antônio Prado. **Anais...**, Antônio Prado, 2017.

FENAMASSA. **História da Fenamassa**. Disponível em: <<http://www.fenamassa.com.br/fenamassa.php>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

FINLAYSON, Maureen. Cultural sustainability of African Canadian heritage: Engaging students in learning, the past, the present and the future. **Improving Schools**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.142-156, jul. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1365480215575350>. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1365480215575350?journalCode=imp>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

FREITAS, Natalia Roncada de et al. As discussões sobre a sustentabilidade na atividade turística: uma análise para o Brasil na última década. **El Periplo Sustentable**, n. 27, p. 54-91, jul./dez. 2014. Universidad Autónoma del Estado de México Toluca, México, 2014.

GALLOPIN, Gilberto. C. Environmental and sustainability indicators and the concept of situation indicators: a system approach. **Environmental Modeling & Assessment Berlin**, v. 1, n. 3, p. 101-117, set. 2003.

GASTAL, Susana. Turismo e cultura: aproximações e conflitos. In: BENI, Mario Carlos (Org.). **Turismo**: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional. Barueri, SP: Manole, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAYMORE, Michelle. **Journey to sustainability**: small regions, sustainable carrying capacity and sustainability assessment methods. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) – Griffith University, Queensland, 2005.

GODFREY, Kerry; CLARKE, Jackie. **The tourism development handbook**: a practical approach to planning and marketing. Londres: Cassell, 2000.

GUERREIRO MARCON; Elza Maria. O turismo como agente de desenvolvimento social e a comunidade Guarani nas Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural [en línea]** 2007, 5 (septiembre): [Fecha de consulta: 31 de marzo de 2018]. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88150306>>. Acesso em: 27 mar. 2017. ISSN 1695-7121

HANAI, Frederico Yuri. Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade do turismo: conceito, reflexões e perspectivas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 8, n. 1. 2012. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/589>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

HANAI, Frederico Yuri. **Sistema de indicadores de sustentabilidade: uma aplicação ao contexto de desenvolvimento do turismo na região de Bueno Brandão, Estado de Minas Gerais, Brasil. 2009** Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acesso em: 16 set. 2016.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. ISBN 9788532618047.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. **Economia do turismo**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2009. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522465231/cfi/4!/4/4@0.00:35.5>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

LACERDA, C. S. **Sistema de indicadores de sustentabilidade para atividade turística: uma proposta metodológica participativa aplicada no município de Conde, Estado da Paraíba, Brasil. 2011**. 89 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, 2011.

LEMOS, Maria Edny Silva. **Artesanato como alternativa de trabalho e renda: subsídios para avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-CE. 2011**. Dissertação (Mestrado Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE: UFC, 2011.

LEMOS, Leandro de. **O valor turístico na econômica da sustentabilidade**. São Paulo: Aleph, 2005.

LIKERT, Rensis. A technique for measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, v. 140, p. 5-55, 1932.

LICKORISH, Leonard J. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling; FIGUEIREDO, Marina Dantas de. De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 76-97, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712014000600076&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 16 set. 2015.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. ISBN 978-85-224-5053-4.

MASCARENHAS, Sidnei A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson, 2012.

MENDES, Jefferson Marcel Gross. Dimensões da sustentabilidade. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO EXTERIOR. **Programa do artesanato brasileiro**. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=4&menu=2046vil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7096.htm>. Acesso em: 16 set. 2016.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO EXTERIOR. **Art. 23**, anexo I, do Decreto 7.096/2010.

MINISTERIO DO TURISMO. **Turismo e sustentabilidade**: orientações para prestadores de serviços turísticos. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/images/pdf/06_06_2016_mtur_guia_turismo_sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional de turismo 2018-2022**: mais emprego e renda para o Brasil. 2018. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/images/mtur-pnt-web2.pdf>>. Acesso em: 6 mai. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Notícias**. ONU declara 2017 o Ano Internacional do Turismo Sustentável. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7383-onu-declara-2017-o-ano-internacional-do-turismo-sustent%C3%A1vel.html>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MOESCH, Marutschka. Dimensão social. In: BENI, Mario Carlos (Org.). **Turismo**: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. Barueri, SP: Manole, 2012.

MOESCH, Maruska.; GASTAL, Susana. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2008.

MOTA, Keila Cristina Nicolau. **Marketing turístico**: promovendo uma atividade sazonal. São Paulo: Atlas, 2001.

MOTTIN, Artur Caron; SILVA, Sabrina Araújo. Design e materiais: estudo de novas aplicações de materiais em adornos produzidos em macramê. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 11., 2014, Gramado. **Anais...** Gramado, 2014.

MUNIZ, Sergio Ricardo. **Fundamentos da Matemática II**. São Paulo: USP, 2015. NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 26, n. 74, p.51-64, 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142012000100005>.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10624>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

NAZÁRIO, Geisi Fabiane. **Prática artesanal na moda: um alicerce social**, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Moda – Habilitação em Estilismo – Área: Prática artesanal, Moda e Projetos sociais) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes, Florianópolis, 2010.

NODARI, Maria Zeneide Ricardi. **As contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu**. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www.economia.ufpr.br/Teses%20Doutorado/Maria%20Zenaide%20Ricardi%20Nodari.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

NUNES, Maria Rita Oliveira; SANTOS, Kaline Mendonça dos; AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. Turismo e capital social: uma aproximação teórica e conceitual. **Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 12, n. 2, p. 443-452, dez. 2014. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/es/articulos/696-turismo_e_capital_social_uma_aproximao_terica_e_conceitual>. Acesso em: 31 mar. 2018.

OLIVEIRA, Héliida Vilela. A prática do turismo como fator de inclusão social. **Revista de Ciências Gerenciais**, São Paulo, v. XII, n. 16, 2008. Disponível em: <pgsskroton.com.br/seer/index.php/rcger/article/download/2644/2514>. Acesso em: 8 fev. 2018.

OLIVEIRA, Braulio. Fatores Determinantes da satisfação do turista: um estudo na cidade do Guarujá. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 7., 2010, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: Universidade Anhembí Morumbi – UAM/, São Paulo/SP, 2010.

OMT. **Introdução ao turismo**. Madrid, 2001.

OMT. Organização Mundial do Turismo Embratur. **Programa nacional de municipalização do turismo: manual de municipalização do turismo**. 2. ed. Brasília, DF: Bárbara Bela, 2001.

OMT. Ministério do Turismo. **Programa de regionalização do turismo – roteiros do Brasil: turismo e sustentabilidade**. Brasília: MTur, 2009.

OMTUR. Organização Mundial do Turismo. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/en>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

OMTUR. Organização Mundial do Turismo. Disponível em: <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/turismo_responsable_omt_acc.pdf> Acesso em: 25 mar. 2017.

OMTUR. **Desenvolvimento de turismo sustentável: manual para organizadores locais**. Brasília: MTur, 2001.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração de Estocolmo sobre o meio ambiente humano**. Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano reunida em Estocolmo, de 5 a 16 de julho de 1972.

ONU. Desenvolvimento sustentável. **ONU declara 2017 o Ano Internacional do Turismo Sustentável**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-declara-2017-o-ano-internacional-do-turismo-sustentavel-para-o-desenvolvimento/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

ONU. **Conheça os novos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/?>>. Acesso em: 20 nov. 2017

UNWTO. Organização Mundial do Turismo. Disponível em: <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/turismo_responsable_omt_acc.pdf> Acesso em: 25 mar. 2017.

UNWTO. Organização Mundial do Turismo. **Tourism and the sustainable development goal: journey to 2030**. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284419401>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

PAKMAN, Elbio Troccoli. Sobre as definições de turismo da OMTUR: uma contribuição à história do pensamento turístico. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Fortaleza. **Anais...**, 24 a 26 de setembro de 2014 – Universidade do Estado do Ceará – UECE. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DFP/DFP1/034.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2017.

PRESCOTT-ALLEN, Robert. The wellbeing of nations: A country-by-country index of quality of life and the environment. Washington, DC: Island Press, 2001.

PREFEITURA Municipal de Antônio Prado. **Imprensa**. Disponível em: <<http://www.antonioprado.com.br/imprensa>>. Acesso em: 16 set. 2016

PRUDENCIO, Ana Valquiria. **O tecer das mãos: produção artesanal, design e sustentabilidade na serra gaúcha**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, Lajeado, 20 jun. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/273>>. Acesso em: 16 set. 2017.

REIS, Ana Carla Fonseca (Org.). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

REZENDE, Greyce Bernardes de Mello; FAGUNDES, Eliane Aparecida Antunes. Índice de desenvolvimento sustentável de primavera do leste – MT, BASEADO NO MODELO DE MARTINS E CÂNDIDO (2008). **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.91-108, 4 dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.30781/repad.v1i1.5806>>. Acesso em: 16 set. 2017.

RODERMEL, Pedro Monir. **Economia do turismo** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2014. Disponível em: <<https://ucs.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788582129975/pages/5>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Altas, 2007. ISBN 978-85-224-4820-3.

RUSCHMANN, Doris Van de M. (Ed.). **Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo**. Barueri – SP: Manole, 2010. (Coleção Ambiental, v. 9).

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento**: incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANCHES, Fernanda Cristina; SCHMIDT, Carla Maria. Indicadores de sustentabilidade ambiental: uma análise das práticas sustentáveis em empreendimentos de turismo rural. **Desenvolvimento em Questão**, [s.l.], v. 14, n. 37, p. 89-114, 30 nov. 2016. Ed. da Unijui. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2016.37.89-114>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

SANTOS, Jaqueline Guimarães. **Sistema de indicadores de sustentabilidade para o turismo**: aplicação de uma abordagem participativa em Porto de Galinhas/PE. 2013. 221 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Paula Carina Mayer da. **O discurso fundador sobre o turismo no município de Canela/RS**: ressignificações na paisagem e no artesanato. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

SILVA, Nicole Cavalcanti; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. Sistema de indicadores de sustentabilidade do desenvolvimento do turismo: um estudo de caso do município de Areia – PB. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [s.l.], v. 10, n. 3, p.475-479, 27 ago. 2016. ANPTUR – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v10i3.955>. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/955>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

SILVA, Fabiana dos Santos; COSTA, Sarany Rodrigues da; CARVALHO, Conceição de Maria Belfort. Políticas públicas de turismo no Brasil: estratégias para administração da atividade no país. In. SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA10., 2013, Resende / Rio de Janeiro. **Anais...** Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/36218351.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

SILVINO, Marilson Donizetti. **Sustentabilidade de destinos turísticos em unidades de conservação**: o caso da Praia de Jenipabu – RN. 2015. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Turismo. 2015.

Disponível em: <arquivos.info.ufrn.br/arquivos/.../Marilson_Donizetti_Silvino.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2018.

TASSO, João Paulo Faria; ASSAD, Luís Tadeu; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. A produção associada ao turismo como instrumento de desenvolvimento local: o caso de Barreirinhas, na região dos Lençóis Maranhenses, Estado do Maranhão, Brasil. **El Periplo Sustentable**, n. 19. 2010. Disponível em: <<http://rperiplo.uaemex.mx/index.php/elperiplo/article/view/907>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

TRIARI, Putri; JONES, Kali; SATYAWATI, Ni Gusti Ayu Dyah. Indigenous People, Economic Development and Sustainable Tourism: A Comparative Analysis between Bali, Indonesia and Australia. **Udayana Journal Of Law And Culture**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.16-30, 30 jan. 2017. Universitas Udayana. <http://dx.doi.org/10.24843/ujlc.2017.v01.i01.p02>. Disponível em: <<https://ojs.unud.ac.id/index.php/UJLC/article/view/28851/18065>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de sustentabilidade**: uma análise comparativa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de sustentabilidade**: uma análise comparativa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016.

WTTC. World Travel & Tourism Council. **Travel & Tourism Economic Impact 2018** – March 2018. Disponível em: <<https://www.wttc.org/-/media/files/reports/economic-impact-research/countries-2018/brazil2018.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

APÊNDICE A



Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado

Este questionário destina-se a contribuir com a pesquisa da mestranda Carla Fantin, integrante do curso Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Salienta-se que a colaboração na pesquisa não resultará em remuneração ou benefício pessoal de qualquer ordem. Os resultados advindos desta pesquisa poderão propiciar o desenvolvimento científico na área, sendo passível a publicação sem minha prévia autorização, em textos acadêmicos (periódicos científicos, congressos e eventos similares).

Período: maio/2018

Observações gerais:

- a confidencialidade sobre os respondentes será mantida em todo o trabalho, somente serão divulgados nomes, caso o pesquisado autorize tal divulgação;
- o questionário está dividido em duas seções: caracterização do perfil do pesquisado e aspectos relacionados a cada dimensão da sustentabilidade, que apresenta relação com o artesanato de Antônio Prado. São elas: dimensão social, econômica e institucional;
- escolha apenas uma resposta para cada item;
- cada dimensão apresenta vários indicadores, que são apresentados como afirmativas que devem ser ponderadas por níveis, quais sejam:

Ponderação		Descrição
1	Discordo Totalmente	Você não apresenta NENHUMA concordância com o que foi afirmado.
2	Discordo Parcialmente	Você apresenta ALGUMA discordância com o que foi afirmado.
3	Neutro	Você não discorda, mas TAMBÉM não concorda com tal afirmação.
4	Concordo Parcialmente	Você apresenta ALGUMA concordância com o que foi afirmado.
5	Concordo Totalmente	Você concorda COMPLETAMENTE com o que foi afirmado.

PERFIL SOCIAL

Gênero: Feminino Masculino

Ano de nascimento: _____

Cidade onde vive: _____

Artesanato que produz: _____

Há quanto tempo, aproximadamente, você produz este artesanato:

Grau de escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto (4ª série) Ensino Fundamental

Ensino Médio Ensino Superior Pós-Graduação

Renda individual bruta mensal:

Até R\$ 954,00

Entre R\$ 954,01 e R\$ 2.862,00

Entre R\$ 2.862,01 e

R\$ 4.770,00

Entre R\$ 4.770,01 e

R\$ 7.480,00

Mais de R\$ 7.480,01

**Percentual da renda proveniente do
artesanato:**

Até 20%

De 21% a 40%

De 41% a 60%

De 61% a 80%

De 81% a 100%

Dimensão Econômica					
	1	2	3	4	5
A renda gerada pelo artesanato é satisfatória para o artesão.					
A renda advinda do artesanato propicia a contratação de pessoas (geração de emprego).					
A renda decorrente do artesanato tem aumentado nos últimos anos.					
O tempo dedicado à produção do artesanato é maior do que o tempo dedicado a outras atividades.					
O artesanato é produzido e comercializado por mais de uma década.					
A Casa do Artesão existe há um bom tempo, ou seja, apresenta alta longevidade.					
A quantidade de artesãos tem crescido com o passar do tempo.					
A Casa do Artesão atende periodicamente, e seus horários são suficientes para suprir a demanda.					
A média de gastos do turista se aproxima da média divulgada pelo Ministério do Turismo (2018), que é de aproximadamente R\$ 27,00 (gasto <i>per capita</i> /dia, por viagem de lazer).					
Os investimentos no desenvolvimento e na comercialização do artesanato são equilibrados e atendem de antemão ao aumento da demanda.					
Na última década, é possível identificar incentivos (financeiros e de desenvolvimento profissional) para a produção do artesanato.					
São promovidas ações para minimizar os impactos da sazonalidade.					

Dimensão Social					
	1	2	3	4	5
Os funcionários da Casa do Artesão têm qualificação/capacitação em turismo.					
Existem iniciativas de aperfeiçoamento profissional em turismo para os artesãos e funcionários da Casa.					
O artesanato possibilita o envolvimento dos residentes com o turismo.					
Existem programas e/ou projetos sociais que envolvam os residentes locais, com o objetivo de engajá-los no desenvolvimento do artesanato.					
O artesanato incrementa a empregabilidade no município.					
O número de empregos ligados à produção e comercialização do artesanato aumentou na última década.					
A renda do artesanato contribui para a inclusão social do artesão.					
O turismo é considerado benéfico para a cidade.					
Dimensão Institucional					
	1	2	3	4	5
Os artesões participam das decisões do turismo local.					
Há uma participação social efetiva no processo de desenvolvimento turístico, sendo esta uma ação incentivada pelo Poder Público.					
As associações e entidades de classe são atuantes nos processos decisórios do turismo.					
Os resultados de ações, sobre o desenvolvimento do artesanato/turismo, são divulgados, para incentivar a participação de outros atores sociais.					
Existe um Plano Municipal de Turismo.					

São ofertados cursos/oficinas de artesanato.					
Existem estratégias de promoção e comercialização do artesanato.					
A divulgação do artesanato nos canais de divulgação (rádio, TV, internet) produz bons resultados nas vendas.					
Os investimentos públicos anuais em turismo são satisfatórios.					
Existem linhas de crédito disponíveis e específicas ao turismo para investimentos.					